FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

JOÃO ALEXANDRE CARDOSO LOPES
MARCELO CUNHA DA SILVA
SIMONE MONTEIRO FERREIRA DA SILVA

ANDROFOBIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: desafios e perspectivas na profissão professor

Chapadinha
2018

JOÃO ALEXANDRE CARDOSO LOPES
MARCELO CUNHA DA SILVA
SIMONE MONTEIRO FERREIRA DA SILVA

ANDROFOBIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: desafios e perspectivas na profissão professor

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Profº. Ms. Adelson Cheibel Simões.

Chapadinha
2018

L864a

Lopes, João Alexandre Cardoso

Androfobia na Educação Infantil: desafios e perspectivas na profissão professor. / João Alexandre Cardoso Lopes, Marcelo Cunha da Silva, Simone Monteiro Ferreira da Silva. - Chapadinha, 2018.

68 f.

Orientador: Profº. Ms. Adelson Cheibel Simões.
Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia – Faculdade do Baixo Parnaíba, 2018.

1. Formação professores – gênero masculino. 2. Educação Infantil. 3. I. Silva, Marcelo Cunha da. II. Silva, Simone Monteiro Ferreira da. III. Simões. Adelson Cheibel. IV. Título.

CDU: 371.15-055.1:373.21

JOÃO ALEXANDRE CARDOSO LOPES
MARCELO CUNHA DA SILVA
SIMONE MONTEIRO FERREIRA DA SILVA

ANDROFOBIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: desafios e perspectivas na profissão professor

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/ _____
Nota _____

BANCA EXAMINADORA

_____
Profº. Ms. Adelson Cheibel Simões (Orientador)
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____
Profª. Anety Fonteles Alves
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____
Profª. Enir Ferreira Lima
Faculdade do Baixo Parnaíba

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, somos gratos a Deus pelo dom da vida e seu amor infinito, pela força e coragem nos momentos difíceis e de desânimo. Em segundo lugar, agradecemos ao apoio dos familiares, e incentivo dos amigos; pelas orações e palavras de ânimo, por acreditarem em nossas competências e habilidades para desenvolver o presente trabalho.

A todo o corpo docente que nos ajudaram nessa caminhada, por sempre nos dar apoio e fazer com que a cada dia tivéssemos vontade de buscar novos conhecimentos em nossas vidas e que até aqui contribuíram da forma significativa para nossa formação acadêmica.

Hoje vivemos em uma realidade que parece um sonho, mas foi preciso muito esforço e determinação para chegar até aqui, mesmo sabendo que ainda há uma grande jornada pela frente.

Só é possível termos êxito na vida, quando há compromisso e acima de tudo força de vontade. Podemos, assim, afirmar o quanto valeu a pena todo o esforço e dedicação, pois o sentimento é de missão cumprida por mais uma etapa vencida nesse processo de formação.

“[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a transferir conhecimento”.

Paulo Freire

RESUMO

Durante muito tempo o trabalho desenvolvido com crianças de Educação Infantil configurou-se como uma prática exclusiva da mulher, ajustando-se a contextos que a retratam como o ser mais competente para assumir tal função. Considerando que na maioria das instituições de modalidade infantil não existem professores do gênero masculino, brotou o interesse em efetivar uma pesquisa em duas escolas nas quais atuam docentes homens, objetivando investigar os aspectos sociais, relações de gênero o, bem como as relações dos familiares e colegas de profissão sobre as tarefas desenvolvidas por eles. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e uma de campo. Na pesquisa de campo, aplicou-se questionários com perguntas semiestruturadas direcionadas a gestores, familiares e professores de duas instituições de Educação Infantil, uma situada na zona rural do município de Chapadinha e a outra na sede do município de Vargem Grande, no estado do Maranhão. Constatou-se, a partir da apreciação dos dados da pesquisa, que por um lado existe a valorização tanto de professores quanto de professoras em suas práticas pedagógicas com as crianças. Mas, por outro lado, ainda persiste um estranhamento sobre a possibilidade de pessoas do gênero masculino assumirem essa atividade. Os resultados revelaram ainda que os aspectos sociais predominantes é a concepção de que os profissionais do gênero feminino apresentam maiores habilidades para o trabalho com a Educação Infantil. No entanto, para alguns dos sujeitos envolvidos na pesquisa, o fator determinante não é o gênero, mas a capacidade desses profissionais de desenvolver um trabalho de qualidade.

Palavras-chave: Formação professores. Gênero masculino. Educação Infantil.

ABSTRACT

For a long time the work developed with children in Early Childhood Education has developed as an exclusive practice of women, adjusting to contexts that portray it as being more competent to take on such a role. Considering that in the majority of the institutions of modality children do not exist male teachers, there arose the interest in carrying out a research in two schools in which male teachers act, aiming to investigate the social aspects, gender relations, as well as the relations of the relatives and colleagues their tasks. For this, a bibliographical and a field research was developed. In the field research, questionnaires were applied with semi-structured questions directed to managers, family members and teachers of two Child Education institutions, one located in the rural area of the municipality of Chapadinha and the other in the municipality of Vargem Grande, in the state of Maranhão. It was verified, based on the evaluation of the research data, that on the one hand there is the appreciation of both teachers and teachers in their pedagogical practices with children. But, on the other hand, there is still a strangeness about the possibility of males taking over this activity. The results also revealed that the predominant social aspects is the conception that female professionals present greater abilities to work with Early Childhood Education. However, for some of the subjects involved in the research, the determining factor is not gender, but the ability of these professionals to develop quality work.

Keywords: Teacher training. Male gender. Child education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento de publicações concernentes à pesquisa..... 13
Quadro 2 - Respostas dos gestores sobre como se tornaram gestores..... 42
Quadro 3 - Respostas dos gestores em relação à existência de poucos professores homens em creches e pré-escolas..... 42
Quadro 4 - Ao serem questionados sobre o que as professoras pensam em relação à atuação do homem como professor da Educação infantil..... 43
Quadro 5 - Ao serem questionados se têm algum tipo de preconceito com a figura masculina exercendo a profissão de professor de Educação Infantil..... 44
Quadro 6 - Quando questionados sobre por que na educação em que atuam existem poucos professores homens..... 44
Quadro 7 - Atitude dos gestores ao verem homens sofrendo preconceito por atuarem na Educação Infantil como professores..... 45
Quadro 8 - Quando indagados se a professora tem mais competências e habilidades que o professor..... 46
Quadro 9 - Sobre o que acham da presença masculina na vida das crianças e se isso contribui de maneira positiva..... 46
Quadro 10 - Ao serem questionados sobre como foram recebidos pelos outros profissionais, pais e responsáveis e se houve preconceito..... 48
Quadro 11 - Sobre a rotina do professor em sala de aula..... 48
Quadro 12 - Quando indagadas se elas acham que uma professora que atua na Educação Infantil possui mais competência e habilidade que o professor homem..... 49
Quadro 13 - Quando questionadas se a presença masculina na Educação Infantil contribui de forma positiva ou negativa..... 50
Quadro 14 - Quando perguntados se eles fazem planejamento e registros das suas atividades desenvolvidas com as rianças..... 50
Quadro 15 - Ao perguntar às professoras se elas têm preconceito com professor homem atuando na Educação Infantil..... 50

Quadro 16 - Principais desafios dos professores no cotidiano escolar e estratégias para superá-los..... 51
Quadro 17 - Respostas sobre se algum pai quis retirar o filho da escola por saber que o profissional de ensino era do gênero masculino..... 51
Quadro 18 - Percepção das professoras sobre a existência de poucos professores homens na Educação Infantil..... 52
Quadro 19 - Ao perguntar os professores sobre o que os gestores e professoras acham de sua atuação enquanto professor de Educação Infantil..... 52
Quadro 20 - Ao indagar as professoras se elas colocariam seus filhos na Educação Infantil sabendo que o professor atuante é do gênero masculino..... 53
Quadro 21 - Respostas das professoras sobre o que elas pensam do trabalho realizado por professores homens em relação à higiene e à alimentação das crianças..... 53
Quadro 22 - Ao serem questionados sobre como se sentem ao deixar seu (sua) filho (a) aos cuidados de um professor homem..... 54
Quadro 23 - Sobre o que acham da atuação do professor homem na Educação Infantil..... 54
Quadro 24 - Quando indagadas se alguma vez pensaram em tirar seus filhos (as) da instituição em razão da atuação masculina..... 55
Quadro 25 - Respostas das famílias em relação ao trabalho da higiene e alimentação realizado por um professor homem..... 55
Quadro 26 - Sobre a relação da família com o professor homem..... 56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 10
2 ESTADO DA ARTE..... 12
2.1 Aspectos gerais do levantamento bibliográfico..... 12
3 O CONTEXTO HISTÓRICO DA CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL..... 17
3.1 A história da Educação Infantil na figura masculina..... 21
4 BREVE HISTÓRICO DA PROFISSÃO DE PROFESSOR NO PAÍS..... 25
4.1 Percurso profissional de homens que escolheram trabalhar como educadores na Educação Infantil..... 28
5 O PROFESSOR HOMEM NA PEDAGOGIA INFANTIL..... 33
5.1 A profissão de professor e as relações de gêneros..... 34
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 39
6.1 Universo e amostra da pesquisa..... 40
6.2 Análise e discussão dos dados coletados..... 41
6.2.1 Percepção dos gestores em relação à atuação do professor homem na Educação Infantil..... 42
6.2.2 O que os professores e professoras pensam sobre a atuação do professor homem na Educação Infantil..... 47
6.2.3 Percepção da família em relação à atuação do professor homem na Educação Infantil..... 54
7 CONCLUSÃO..... 57
REFERÊNCIAS..... 59
APÊNDICES 63

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que, segundo a história do Brasil, homens e mulheres exerceram funções sociais distintas ao longo dos anos. Era concebível que a pessoa do gênero feminino deveria se responsabilizar somente pelas atividades domésticas e os cuidados com os filhos, enquanto os sujeitos do gênero masculino precisariam trabalhar para manter a sobrevivência da família. No entanto, as representações sociais sobre a função da mulher e do homem têm sido modificadas paulatinamente.

Na atualidade, as mulheres exercem funções antes atribuídas estritamente aos homens, passando a assumir as mais diversas atividades de trabalho. Da mesma maneira, os homens também desenvolvem tarefas as quais já foram tidas como exclusivamente femininas, como as atividades domésticas e educação das crianças pequenas.

Apesar de tantas mudanças ocorridas na sociedade, nota-se que é pouco comum a vivência de professores homens na modalidade de Educação Infantil, surgindo assim o interesse em melhor compreender como tem ocorrido essa ação em espaços onde existe a presença pedagógica masculina: Será que a Educação Infantil tem enfrentado problemas por ter entre seus educadores docentes homens? E os familiares dos pequenos, será que concordam com a atuação desenvolvida pelo professor homem? Quais os aspectos sociais predominantes na relação dos familiares que convivem com esse fato?

Dessa forma, objetivou-se nesta pesquisa investigar se há preconceito com a presença de docentes do gênero masculino na Educação Infantil a partir da análise das relações de gênero que abarcam o trabalho do professor, como a percepção da família e dos profissionais que atuam no âmbito da escola. A pesquisa foi efetivada em duas escolas, uma situada na zona rural do município de Chapadinha e outra na sede do município de Vargem Grande.

Quanto à metodologia, desenvolveu-se um estudo de caráter qualitativo, voltado a dois tipos de pesquisa: a bibliográfica e a pesquisa de campo. O levantamento dos dados se deu por meio de observações nas escolas campo e aplicação de questionários com questões abertas, a fim de melhor compreender e analisar o conteúdo das informações coletadas. Os agentes envolvidos na pesquisa foram: 2 (dois) gestores, 4 (quatro) famílias e 4 (quatro) docentes que trabalham nas

instituições pesquisadas. Entende-se que a modalidade de Educação Infantil tanto no atendimento em creche quanto no atendimento pré-escolar é uma tarefa humana historicamente ligada à atividade feminina, diferente de outros ofícios, que podem estar variavelmente ligados à vivência humana e a outras demandas. Ou seja, em contraposição a outras atividades educativas, que eram ofícios masculinos e se feminizaram. As ações do jardim de infância e de auxílio social voltado à criança desprovida iniciaram como aptidões de mulheres no século XIX, tendo estruturas desiguais dos trabalhos masculinos que progrediam na mesma época.

O preconceito sofrido por professores homens, sobretudo aqueles que atuam na Educação Infantil, precisa ser combatido, uma vez que o homem professor assim como a mulher professora tem suas competências e habilidades inerentes. Cada ser possui sua singularidade e não é o gênero que determina as qualidades de um determinado profissional e muito menos se o profissional está ou não apito para exercer determinadas funções. O cuidar e o educar requer profissionalismo, sem discriminação de gênero.

A pesquisa encontra-se assim estruturada: O primeiro capítulo, de caráter introdutório, faz uma breve apresentação dos objetivos e percurso da pesquisa. No segundo, faz-se uma apresentação de uma pesquisa denominada estado da arte. No terceiro, aborda-se o contexto histórico da constituição da Educação Infantil no Brasil; no quarto, exibe-se um pequeno histórico da profissão de professor no país e o percurso profissional de homens que escolheram trabalhar como educadores de Educação Infantil; por conseguinte, no quinto capítulo, discute-se sobre o professor homem na pedagogia infantil, a profissão de professor e as relações de gênero; no sexto capítulo, aborda-se sobre a figura do profissional do ensino fundamental menor; no sétimo, apresenta-se uma discussão sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa. E, por fim, apresenta-se as conclusões acerca da temática retratada neste trabalho.

2 ESTADO DA ARTE

2.1 Aspectos gerais do levantamento bibliográfico

A revisão, desenvolvida no ano de 2017 (dois mil e dezessete), aconteceu primeiramente através do levantamento bibliográfico no Banco de Teses e Dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e considerou estudos desenvolvidos em graduação *stricto sensu*. Esse banco de informações tem a finalidade de promover o acesso a dados acerca de teses e dissertações elaboradas e defendidas nos cursos de graduação de diferentes estados brasileiros. A fim de se ter acesso a pesquisas que discutem especialmente a presença de homens na prática pedagógica de Educação Infantil, utilizou-se diferentes descritores na busca por publicações, como: homens na docência de Educação Infantil.

Dos registros encontrados, que somam mais de 12 (doze), apenas 5 (cinco) afluem para a temática aqui discutida. Em relação aos outros trabalhos, ou não tinham analogia alguma com a temática ou se referiam a assuntos de áreas relacionadas à saúde. As pesquisas selecionadas são estudos realizados em nível de graduação, pós-graduação e mestrado na área educacional dos pesquisadores: Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo; Valéria Pall Oriani; Ronan da Silva Parreira Gaia; Aliandra Cristina Mesomo Lira; Geovana de Paula Bernardim; Lucélia Costa Araújo; Joseane Peres Gonçalves; Zenaide Ribeiro Neto Capristo e Verônica Caroline de Matos Ferreira.

Apresenta-se a seguir o quadro demonstrativo sobre o levantamento dos trabalhos encontrados afluentes à pesquisa aqui empreendida.

Quadro 1 – Levantamento de publicações concernentes à pesquisa.

Ord.	Ano	Autor	Título	Curso-IES
01	2013	Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo; Valéria Pall Oriani	Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil	Curso de Pedagogia-Educação Unisinos
02	2015	Ronan da Silva Parreira Gaia	Gênero e docência na educação infantil: reflexões acerca das relações entre a prática do cuidado e a atuação masculina em uma profissão culturalmente feminina	Curso de Pedagogia-Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora aparecida
03	2015	Aliandra Cristina Mesomo lira; Geovana de Paula Bernardim	O profissional do gênero masculino na educação infantil: com a palavra, pais e professores	Curso de Mestrado-UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
04	2015	Lucélia Costa Araújo	“O essencial é invisível aos olhos”: significações que medeiam à constituição da identidade do professor homem	Programa de pós-graduação em educação Mestrado em educação centro de ciências da educação
05	2015	Josiane P. Gonçalves, Zenaide Ribeiro Neto Capristo e Verônica Caroline de Matos Ferreira	Professores homens na Educação Infantil: aceitação e receio dos familiares que vivenciam essa experiência	Doutorado-Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Fonte: elaboração própria. Dados da pesquisa, 2017.

A investigação concretizada por Brabo e Oriani (2017) sobre as relações de gênero na escola, feminilidade e masculinidade na Educação Infantil, teve como objetivo refletir acerca da masculinidade e feminilidade na modalidade Educação Infantil, espaço de modo eminente feminino. As autoras apresentam os efeitos de um estudo que investigou sobre as analogias sociais de gênero nessa etapa de ensino em uma instituição na qual trabalhava um homem como docente. Para a realização da pesquisa, foram inicialmente observadas as atuações educativas de uma docente e do homem docente de Educação Infantil. Ao concluir essa etapa de observações, foram aplicados questionários para os docentes observados e também para o coordenador e o gestor.

Embasada nas teorias sobre a compreensão de cultura e gênero e da averiguação do elemento empírico, exibe-se que a identidade do homem e da mulher bem como as funções sociais tanto para um quanto para outro, historicamente, são constituições humanas e afetuosas que podem ser transformadas, sobretudo na escola.

Em razão disso, entende-se também que a analogia de gênero como constituição social se forma pela heterogeneidade. O homem é visto como um ser que não apresenta as mesmas semelhanças e as desenvolturas que a mulher.

O significado da identidade através da diferença colabora para a compreensão da relação que é feita entre as pesquisas de gênero e esse aspecto que pondera as produções sociais distintas elaboradas para o ser homem e o ser mulher embasadas nas suas dessemelhanças biológicas. Assim, a investigação parte da pressuposição de que o gênero é categórico na formação da identidade do ser humano.

Algumas das pesquisas analisadas, como é o caso de Gaia (2017), “Gênero e docência na Educação Infantil: reflexões acerca das relações entre a prática do cuidado e a atuação masculina em uma profissão culturalmente feminina” discute questões sobre a feminização da Educação Infantil, compreendida por muitos como área de atuação exclusiva para a classe feminina. A abordagem foi focada no ponto de vista do cuidar como uma das fundamentais razões do preconceito enfrentado pelo homem ao escolher a profissão de professor na modalidade da Educação Infantil, sustentada pela carência do olhar no viés pedagógico junto com cuidar educativo.

Verificou-se que a pesquisa realizada pelas autoras em uma escola de Educação Infantil é resultado de um estudo bibliográfico de cunho exploratório e investigação de campo descritiva por meio de observação e entrevistas, alcançando, assim, informações para uma averiguação qualitativa. Como efeito da análise, foi possível observar que há de fato uma distância do gênero masculino para o magistério visto que essa área de atuação é um campo de preferência das mulheres.

A partir da leitura dessas fontes, verificou-se que as autoras, em suas atinentes revisões literárias, fazem alusões a outros estudos realizados também e que têm como finalidade dessa pesquisa questões relacionadas a assuntos docentes concernentes a homens na área da Educação Infantil.

De acordo com a pesquisa “O profissional do gênero masculino na Educação Infantil: com a palavra, pais e professores”, tendo como autoras Lira e Bernandim (2017). O trabalho com as crianças de Educação Infantil foi ao longo dos anos se configurando como uma área de atuação voltada exclusivamente para a mulher, ajustando-se em argumentos que a mostram como o ser mais ajustado para

assumir tal papel, deixando-se em segundo plano a compreensão de que é a qualificação que prepara o profissional para trabalhar com crianças pequenas. Para debater tais assuntos, as autoras realizaram uma pesquisa de cunho teórico, bibliográfico, desenvolvendo posteriormente pesquisa de campo com a aplicação de questionários a professores e pais de instituição de Educação Infantil.

A partir das análises de dados foi possível reconhecer que, por um lado, há a valorização da aptidão, tanto de homens quanto de mulheres na atuação das atividades com as crianças pequenas. Contudo, por outro lado, ainda persiste um estranhamento no que diz respeito à probabilidade masculina em assumir tal tarefa.

No levantamento de dados foi possível avaliar como as relações sociais sobre a profissão de professor e questão de gênero formam seus objetos de pesquisa, que apreciam a formação da identidade, a inserção e a trajetória profissional dos docentes do sexo masculino na Educação Infantil, explicitando que a classe de representação é abraçada e embasada nas representações sociais.

A pesquisa "'O essencial é invisível aos olhos': significações que medeiam a constituição da identidade do professor homem", da autora Araújo (2017) teve como finalidade averiguar os sentidos e os significados que o docente homem elabora sobre a profissão docente na Educação Infantil e suas analogias com a construção da identidade. Para chegar aos resultados da pesquisa, a pesquisadora desenvolveu estudos bibliográficos e pesquisa de campo por meio de observações e entrevistas.

Em sua pesquisa, a autora elucida que a identidade acontece através de contínuas mudanças no tempo e no espaço durante toda a vida da pessoa, ou seja, a identidade é de acordo com a história estabelecida. Contudo, as transformações na identidade dos sujeitos acontecem na relação de vários fatores em que o ponto principal sustenta em "quem o ser humano pode se tornar" ao oposto de "quem ele é". As implicações da sua investigação objetivou entender a presença do homem na Educação Infantil.

Compreendendo que na maioria das escolas não existem professores homens na Educação Infantil, brotou o interesse da autora Gonçalves (2017) em desenvolver uma investigação em vários municípios do Estado de Mato Grosso do Sul nos quais existem profissionais docentes do sexo masculino atuando com crianças pequenas com uma pesquisa sob a temática "Professores homens na educação infantil: aceitação e receio dos familiares que vivenciam essa experiência".

Objetivou-se averiguar as analogias sociais do contexto familiar sobre a prática desenvolvida pelos professores do gênero masculino na Educação Infantil.

A pesquisa empreendida pela autora foi de caráter qualitativo, realizada por meio de entrevistas com perguntas semiestruturadas em quatro distintas localidades do município. Os resultados revelaram que as relações sociais que predominam são de que a classe feminina apresenta maior habilidade para desenvolver trabalhos pedagógicos com crianças pequenas e os homens estabelecem mais respeito; há a preocupação com assuntos relacionados à higiene pessoal das crianças, especialmente se for para o homem dar banho ou vestir as meninas. Entretanto, para alguns familiares que participaram da pesquisa, o importante não é o fato de o profissional ser homem, mas sim a habilidade para realizar tais tarefas com eficiência e responsabilidade.

Em resumo, pode-se analisar que a temática em questão pouco tem sido discutida. Além do mais, esse tema tem predominância no setor educacional visto que 5 (cinco) dos 12 (doze) trabalhos localizados fundamentaram-se nessa área. Ainda assim, de modo tímido. Constatou-se ainda que houve um crescimento relacionado à importância pelo trabalho do docente homem na Educação Infantil, sobretudo nos anos de 2015 (dois mil e quinze), visto que a maioria das pesquisas encontradas são referentes a este ano.

Diante do quadro exposto, evidencia-se que a quantidade de estudos sobre essa temática ainda é mínima. Mesmo se considerando um número crescente a obra intelectual que leva em conta as analogias que a masculinidade e feminilidade constituem com a área educacional, a maior parte desses estudos mantêm o enfoco nos assuntos sociais e históricos que induziram à feminização na docência ou contemplam o modo como às analogias de gênero têm se apresentado com crianças na sala de aula.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DA CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Historicamente, a educação da criança durante muito tempo ficou sob a responsabilidade exclusiva da família porque era na convivência familiar e em contato com as pessoas mais velhas e outras crianças que ela estabelecia comunicação, participava das tradições e adquiria as regras e normas da sua cultura.

Até metade do século XIX, não se ouvia falar em atendimento educacional para crianças pequenas, e essa situação muda gradativamente depois dos meados do século XIX, com o crescimento da migração de pessoas da zona rural para a cidade e também com a promulgação da proclamação da República, incidindo assim condições para a ampliação de desenvolvimento da cultura e tecnológica no Brasil.

Segundo Oliveira (2012, p. 21),

> O desejo de construir uma nação moderna favoreceu a assimilação, por parte das elites políticas, de novos preceitos educacionais elaborados na Europa, como a ideia de Jardim de Infância, recebido com entusiasmo por alguns setores sociais e combatido com veemência por outros. Pensar um ambiente promotor da educação das crianças dos diferentes grupos sociais era meta colocada com muita dificuldade. Enquanto o poder público combatia as iniciativas de se criarem jardins de infância no país para atender as crianças pobres, um movimento de proteção à infância se fortalecia apoiado em uma visão preconceituosa em relação à pobreza e defendia um atendimento caracterizado como uma dadiva aos menos aquinhoados.

No setor do Legislativo, a discussão levava em conta que, se os jardins de infância apresentavam a intenção de oferecer atendimento filantrópico e direcionado às crianças pobres, não precisaria ser sustentado pelo órgão público, mas permanecer sob a filantropia dos familiares mais abastados. Assim, a crítica a esse tipo de atendimento não almejava as ações de adotá-los como padrão para assistência pedagógica às crianças pequenas mais afortunadas.

Diversamente dos países da Europa, no Brasil, as tentativas elementares de estruturas de creches, orfanatos e asilos apareceram com um estilo totalmente assistencialista, com a intenção de ajudar as mães que trabalhavam nas indústrias e as viúvas repudiadas.

Outro fator, que colaborou para o aparecimento desses estabelecimentos foi às ações de atendimento aos órfãos desamparados que, mesmo com o apoio da elite, tinham como objetivo ocultar a desonra de ser mãe solteira, uma vez que as crianças geralmente eram descendentes de senhoras da corte, pois apenas essas tinham motivo de se envergonhar e razão para rejeitar o filho inesperado, indesejado. (RIZZO, 2003).

Numa comunidade patriarcal, a intenção era inventar uma saída para os problemas da classe masculina, isto é, ausentar dos mesmos a obrigação de ostentar a paternidade. Levando em conta que nesse período não havia uma compreensão mais definida sobre as características individuais das crianças, elas eram imaginadas como algo descartável, sem o mínimo valor intrínseco de pessoa.

Desta forma, questões como o elevado contingente de desnutrição generalizada, mortalidade infantil, além, do grande número de incidentes domésticos, mobilizaram alguns órgãos da sociedade, bem como as entidades religiosas, os empresários e intelectuais, a fim de que começassem a refletir sobre um ambiente de cuidados dos pequenos fora do contexto familiar. Foi a partir dessa inquietação que as crianças começaram a ser notadas pelas pessoas, e com um anseio filantrópico e assistencialista é que principiou o atendimento além dos cuidados familiares. (DIDONET, 2001).

> Assim, foram criados em 1875, no Rio de janeiro, e em 1877, em São Paulo, os primeiros jardins de infância sob os cuidados de entidades privadas. Apenas alguns anos depois, em torno de 1896, criaram-se os primeiros jardins de infância públicos, como aquele anexo à escola Caetano de Campos, em São Paulo. (OLIVEIRA, 2012, p. 22).

A grande aquisição de investimento do setor educacional nessa época estava voltada para a educação primária, mas oferecia atendimento somente para uma parte da sociedade. Enquanto isso, o arranjo familiar conservador e as compreensões e maneiras de cuidar das crianças sofreram intensas mudanças por causa da intensificação do desenvolvimento urbano e comercialização em vários lugares do país no começo do século XX. Na década de 1919, o sistema de governo constituiu o Departamento da criança, que defendia um auxílio científico à infância. Iniciava um debate médico o qual responsabilizava a família por alguns tipos de doenças de seus filhos, podendo a instituição de crianças pequenas permitir o desenvolvimento saudável dos menores.

> Devido a muitos fatores, como o processo de implantação da industrialização no país, a inserção da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho e a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, os movimentos operários ganharam força. Eles começaram a se organizar nos centros urbanos mais industrializados e reivindicavam melhores condições de trabalho; dentre estas, a criação de instituições de educação e cuidados para seus filhos. Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternais para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternais e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Ao longo dos anos, as conquistas não aconteceram sem conflitos. Com o progresso do comércio e o crescimento da inserção das mulheres da classe média no mundo do trabalho, cresceu a demanda pelo trabalho dos estabelecimentos educacionais direcionados à infância. As lutas feministas que iniciaram nos Estados Unidos influenciaram na revisão do sentido das entidades de atendimento aos pequenos, porque as mulheres transformaram seu foco, defendendo a opinião de que tanto as entidades de creches como as instituições pré-escolares precisariam oferecer atendimento a todas as crianças, independentemente de as crianças serem filhas de mulheres trabalhadoras. Para Kuhlmann Jr. (2001), O efeito dessa luta culminou no crescimento do número de estabelecimentos mantidos e geridos pelo sistema público. Assim, as lutas das operárias instituíram outro ponto que atuou na mudança da oferta de atendimento aos pequenos.

> No começo do século XX, a contratação pelas fabricas da mão de obra de imigrantes europeus que chegavam ao Brasil, em geral jovens e do sexo masculino, acentuou a luta de movimentos operários pela melhoria de suas precárias condições de trabalho: baixos salários, longas jornadas de trabalho, ambiente insalubre, emprego de mão de obra infantil. Nesse clima, muitas mulheres, também contratadas pelas fábricas, começaram a se politizar e a exigir direitos, o que incluía a criação de locais para guarda e atendimento das crianças durante seu trabalho. (OLIVEIRA, 2012, p. 22).

As exigências das mulheres trabalhadoras foram sendo direcionadas para o Estado e agiram como maneira de pressão para que o sistema governamental instituísse creches, instituições maternais e também parques para as crianças pequenas. Além de conceber elementos de suporte à classe feminista trabalhadora

e conveniência para o empresário, outros modos vieram a apresentar o imperativo das creches.

> Nas décadas de 20 e 30, alguns centros urbanos que se industrializavam em nosso país não dispunham de infraestrutura urbana como saneamento básico, moradias etc, sofrendo o perigo de constates epidemias. A creche seria um dos paliativos defendidos por médicos preocupados com as condições de vida da população operaria, em geral moradora em ambientes insalubres. (OLIVEIRA, 2012, p. 23).

Juntamente com esta inquietação sanitarista sobre o atendimento em creches, várias discussões que estavam acontecendo no Brasil traziam o assunto pedagógico para o foco dos debates das escolas Novas, do qual interagiam grandes educadores do país. Dentre outras questões então debatidas constava a educação voltada para a pré-escola, integrada como princípio básico do sistema de ensino.

A Concretização das Leis do Trabalho (CLT), na década de 1943, de atitude da administração da era Getúlio Vargas, legitimou algumas questões acerca do atendimento das crianças filhas das mães operárias, mas somente com o intuito de ajudar na amamentação durante o horário de serviço.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 4.024/61 trouxe uma grande significação na mudança educacional uma vez que essa lei incluiu instituições voltadas para as crianças pequenas no aparelho de ensino. Entretanto, isso não garantiu o fortalecimento de ações pedagógicas apropriadas às especificidades dos menores. (KUHLMANN Jr., 2001).

Durante o período militar de 1964 até o começo da década de 1985, as ações públicas assumidas pelo sistema federal por meio de setores como a Legião Brasileira de Assistência e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), prosseguiram a aguçar a alternativa de creche, e também pré-escolas, como instrumentos de auxílio às crianças desamparadas. As ações de auxílio do governo aos estabelecimentos educacionais continuaram a prevalecer. Na década de 70, o atendimento às crianças fora do contexto familiar permitiria a superação das péssimas qualidades sociais a que elas estavam submetidas. Era a alegação de um atendimento educacional compensatório. (KUHLMANN Jr., 2001).

A Legislação acerca do ensino elaboradas em 1.971, Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 5.692/71, determinou que os aparelhos de ensino deveriam velar para que os pequenos com idade menor que sete anos recebessem

atendimento escolar em instituições maternais, bem como jardins de infância ou estabelecimentos equivalentes.

> Na segunda metade dos anos 70, a luta de movimentos sociais pela redemocratização do país e contra as desigualdades sociais levou o regime militar a adotar medidas para ampliar o acesso da população mais pobre à escola obrigatória. Enquanto isso, nos grandes centros urbanos, a reivindicação por creches e pré-escolas por parte de amplas parcelas da população de mães, que precisavam trabalhar fora do lar para garantir a subsistência da família, intensificou-se e substituiu a atitude de aceitação do paternalismo estatal ou empresarial por uma visão da creche e da pré-escola como um direito do trabalhador. (OLIVEIRA, 2012, p. 27).

A nova norma legal instituiu novas maneiras de pressão sobre o sistema público que, naquela ocasião, aumentou o índice de escolas voltadas para a educação infantil sem interesses lucrativos.

Depois do período militar, já na década de 1985, novas ações pedagógicas passaram a assumir que creches não estavam relacionadas apenas à mulher trabalhadora e a família, mas ainda ao Estado e às indústrias. Além disso, foram também debatidas nesse período questões sobre propostas pedagógicas a fim de romper com os paradigmas assistencialistas.

3.1 A história da Educação Infantil na figura masculina

Muitas famílias compreendem que o profissional que está mais apto para ser o professor de seus filhos durante o inicio da vida estudantil é somente as mulheres e que, somente elas, estão organizadas para trabalharem com crianças pequenas, sobretudo as crianças de creche (de zero a três anos). Contudo, quando se pesquisa na história da educação sobre crianças pequenas, tem-se como os primeiros estudiosos a se atentarem com essa modalidade de ensino, grande parte, são homens. Essas inquietações principiam no começo do século XVII. Alguns autores como Oliveira (2005) demonstram que foi exatamente no começo do século XVII que apareceram as primeiras apreensões com a pedagogia dos pequenos.

Almeida apud Araújo e Hammes (2012, p. 11, grifo dos autores) afirmam que,

> Foi Campanella (1568-1639) o primeiro a tratar da questão da educação infantil em sua obra “Cidade do Sol”, e, partir de então, surgiram as primeiras preocupações acerca da educação infantil. Campanella (1568-1639), em sua obra “Cidade do Sol”, criticou o ensino servil da gramática e da lógica aristotélica e ressaltou a importância das crianças aprenderem ciências, geografia, os costumes e as histórias pintadas nas paredes das cidades, “sem enfado, brincando”. Podemos constatar que Campanella já demonstrava uma preocupação com a educação da criança pequena e, desde então, podemos verificar, surgiram as primeiras propostas educativas contemplando a educação da criança de 0 a 6 anos.

Foram a partir dos estudos de Campanella (1568-1639) que deu-se início as primeiras inquietações e instruções pedagógicas relacionadas à educação das crianças pequenas. A partir de então inúmeros pesquisadores como Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Decroly, Vigotsky e Piaget fizeram várias pesquisas sobre a pedagogia infantil. Assim, percebe-se a atuação do homem preocupando-se em criar alternativas para o cuidar e o educar dos pequenos. Nota-se que essa preocupação não foi exatamente de apenas um estudioso homem, mas de muitos outros, como já mencionado.

Vários estudiosos que ampliaram seus projetos para a educação terminaram também por inserir nessas propostas assuntos relacionados à pedagogia na infância. Entre eles sobressai-se João Amós Comênio (1592 – 1657), o qual é estimado um dos grandes mestres da historicidade educacional, em sua criação “Didática Magna”.

> Organizou a sua didática em quatro períodos considerando os anos de desenvolvimento, quais sejam: a infância, puerícia, adolescência e juventude, sendo que cada um desses períodos durava seis anos. Ao lermos o plano da escola materna, podemos constatar que ele foi elaborado atribuindo aos pais uma tarefa educativa de muita responsabilidade, pois cabia-lhes a responsabilidade pela educação da criança antes dos sete anos. (ALMEIDA, apud ARAUJO; HAMMES, 2012, p. 12).

Contudo, quando Comênio (1592 – 1657) foi estimado um dos grandes instrutores da história da educação, Rousseau (1712 - 1772), embora não tenha sido professor, é notado como uma das pessoas mais extraordinárias na história da Educação. Em sua criação Emílio (1762), faz sérias análises à sociedade de seu tempo, quanto à atenção despendida aos seus pequenos.

Em sua atividade, o pensador apresenta um capítulo direcionado à pedagogia de crianças pequenas bem como a atenção que as mesmas necessitariam receber. O filósofo alertava a sociedade para os cuidados com as

crianças, assim como a falta de cuidados essenciais, além de pronunciar como o educador deveria agir em relação ao estudante, sobretudo com as crianças pequenas.

Além de seus aportes para a pedagogia, Rousseau ainda serviu de estímulo para o estudioso Pestalozzi (1746-1827), o qual buscava unir o sujeito à sua vivência histórica, adverso de seu precursor. Sua ideia tinha como suporte principal possibilitar à criança a conquista dos principais dados do conhecimento, de maneira própria e evidente. (ARAUJO; HAMMES, 2012).

Também no que se refere à apreensão com a pedagogia dos pequenos, Araujo e Hammes, (2012, p. 12) enfatizam que,

> Há que se destacar, também, que seu projeto educativo tinha a intuição como fundamento básico para se atingir o conhecimento. Assim sendo, a educação se fundamenta na arte de conduzir as crianças de intuições superficiais e fragmentárias a intuições sempre mais claras e distintas.

Nesse sentido, para Pestalozzi (1746 – 1827), a pedagogia precisaria estar continuamente respaldada em levar os pequenos de saberes superficiais a saberes mais profundos.

Outro estudioso que revelou interesse com a educação de crianças foi Friedrich Froebel (1782 – 1852). Estimado um exemplo da pedagogia da infância, iniciou sua pedagogia atuando como professor em uma instituição escolar cujo arranjo estava pautado nas opiniões de Pestalozzi. Inventor dos jardins infantis, o educador analisava o começo da infância como um período de estima categórica na preparação do homem e que, por isso necessitaria de atenção. Para Froebel, a percepção era o ponto chave da pedagogia infantil que precisaria ser de preferência aos cuidados das mulheres.

Embora ele tenha tido cuidado especial com a infância e de ter inventado os jardins infantis, Froebel (1782 – 1852) pode ser o grande responsável pela rejeição da população aos homens como educadores de crianças pequenas ao assegurar que somente as pessoas do gênero feminino estariam aparelhadas para essa função pedagógica.

> No final do século XIX e início do século XX quando as escolas laicas marcaram a ruptura do domínio da Igreja sobre a educação, e é nesse contexto que surge Ovide Decroly (1871 – 1932). Decroly (1871 – 1932) iniciou suas atividades educativas com crianças consideradas anormais e sua proposta de trabalho estava ligada às atividades individuais e coletivas da criança. (ARAUJO; HAMMES, 2012, p. 13).

O procedimento de Decroly tinha um destino exclusivo aos estudantes das turmas primárias; os saberes e preocupações das crianças também brotavam associadas ao seu procedimento. Para o estudioso, a criança precisaria ser criança e não uma pessoa adulta em miniatura. Ele também transformou a maneira de instruir-se e de instruir correspondendo à psicologia infantil e não preteriu aquilo que a instituição escolar deve informar para as crianças.

> O programa de Decroly apresentava ideias associadas: conhecimento pela criança, as suas necessidades de alimentação, de defender-se contra perigos e diversos acidentes, de agir e trabalhar com solidariedade, de ter alegria de espírito. O conhecimento do meio viria para satisfazer as necessidades apontadas acima. (ARAUJO; HAMMES, 2012, p. 14).

Desse modo, o estudioso, embora sendo homem e não tendo impulso materno, demonstrou preocupações no que se refere às crianças pequenas e suas indispensabilidades contribuindo dessa forma para a pedagogia infantil.

Em síntese, faz-se necessário entender que, durante o período da composição da Educação Infantil, o docente encarou as controvérsias entre o gênero feminino e a questão profissional. Títulos que seguem a história da Educação Infantil a partir de seus princípios, os quais pregavam que precisa ser mulher para exercer a profissão docente de crianças pequenas. Essa compreensão atualmente é ultrapassada, ao passo que a Educação Infantil é abordada nas Leis considerando-a como primeira etapa da pedagogia escolar, dando prioridade à vida estudantil da criança, a responsabilidade do Estado, das instituições familiares e a criminalização quanto à divisão em segmentos de gênero para a atuação de qualquer ofício.

4 BREVE HISTÓRICO DA PROFISSÃO DE PROFESSOR NO PAÍS

As relações educativas elementares em nosso país iniciaram com a chegada dos jesuítas no ano de 1.549 (mil quinhentos e quarenta e nove). Foram eles os primeiros educadores e também os primeiros a elaborarem um plano de ensino para o país. Os jesuítas, mediados por uma visão da época, entenderam que os índios precisariam ser inseridos numa civilização contemporânea portuguesa.

Na época do império, a Lei criada no dia de 15 (quinze) de outubro de 1.827 (mil oitocentos e vinte e sete), em seus respectivos art. 6° e 12° aborda acerca do papel da profissão de professor, estabelecendo que, no período do império, professores tanto do gênero masculino quanto do gênero feminino lecionariam, existindo, contudo, diferença apenas na matriz do currículo oferecida para meninas e meninos conforme explicita os artigos abaixo.

> Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados a compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.
> [...].
> Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres que, sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º. (BRASIL, 1827 *apud* VIANA, 2017).

Mesmo não tendo instituições organizadas e voltadas para as crianças pequenas no mencionado período imperial, os artigos aludidos mostram, de maneira objetiva, a divisão entre o ensino ofertado para o gênero feminino e para o masculino. Logo após, o ponto de vista maternal imposto habitualmente iria direcionar a recepção ao inicio da vida educacional das crianças.

É com a criação da Primeira República de 1889, até o ano de 1930, que a opinião republicana exibe a precisão de aperfeiçoar cidadãs no país. Para isso, a divulgação de estabelecimentos de ensino para todos teve ação crucial. Desse modo, o ensino público do país mesmo de maneira lenta começa a receber alguns contornos, entretanto, segundo Viana (2017),

> [...] Ainda no período imperial (1875), na cidade do Rio de Janeiro havia sido criado o primeiro jardim de infância privado. Tal instituição surgiu vinculada ao Colégio Menezes Vieira e a cargo da professora Carlota de Menezes Vieira e seu esposo Joaquim José de Menezes Vieira.

Sobre a atuação do professor na Educação Infantil nos jardins de infância, o autor supracitado comenta que remanejar a função da mulher, na influência de sua ação em relação ao contexto familiar para o contexto escolar, é perceber a sua imagem ainda de educadora, compreendida como expansão da atividade materna, ou seja, a educadora de Educação Infantil procura manter da melhor maneira possível os cuidados de uma mãe cuidadosa para com seu filho.

> [...] mesmo que na esfera privada a estruturação da educação infantil como um prolongamento do lar /família, cabendo à professora representar a figura materna. Por tal entendimento, não há espaço para o homem nessa instituição de educação infantil, pois a criança exige cuidados corporais e afetivos, que, pelo entendimento da época, exposto pelos textos citados, só podem ser realizados por uma figura biologicamente projetada para tal tarefa: a mulher. (VIANA, 2017).

Cabe mencionar a invenção da Escola Normal, na capital de São Paulo, no ano de 1894 (mil oitocentos e noventa e quatro), incorporando, primeiramente o Curso Normal com uma turma para alunos do gênero masculino e outra para alunos do gênero feminino e indicado a estudantes de 16 (dezesseis) anos. Isto é, tinha a vantagem de se formar educadores e educadoras, porém, sob a ação de correntes de pontos de vista que cogitavam a mulher, e apenas ela, prendada, estruturada pela natureza com a aptidão de socializar, civilizar as crianças pequenas, como parte de seus papéis. Assim, o trabalho educacional com crianças pequenas passa a ser missão prioritariamente das mulheres.

Comprova-se, assim, o ponto de vista feminino da docência apresentada como uma dádiva maternal, mágica, imprópria para pessoas do gênero oposto. Dessa maneira, o serviço com crianças estaria sujeito a supostos atributos naturais e únicos ao modo feminino, mesmo quando castigavam os pequenos, a docente corrigia-os com carinho. Ainda, segundo Viana (2017),

> A feminização do professorado no Brasil é resultado de um constructo social, econômico, político cultural advindo da própria consolidação da sociedade moderna e pós-moderna, transformando a organização familiar o conceito de criança e de educação escolar, logo: Vale ressaltar que o lócus familiar torna-se, então, cada vez mais privado dando origem à família nuclear que deixando de ser a família tronco, da linhagem, gradativamente vai assumindo funções antes destinadas à comunidade, como por exemplo, o cuidado dos filhos. Isto é, a criança antes pública torna-se agora (XVI e XVII) uma criança individualizada (privada) que possui necessidades que precisam ser sanadas por adultos aptos para tal.

Com o desenvolvimento do panorama em que se vê a configuração da família na qual o pai é o chefe, responsável pelo sustento e a mãe é responsável pelas tarefas domésticas e cuidados com os pequenos e a criança inocente e incapaz, concretiza-se na área pedagógica a opinião assistencialista nas tarefas com as crianças. Por outro lado, sendo a mulher vista como a pessoa biologicamente preparada para tal papel, o homem, que até o momento desempenhava a função de docente, torna-se um indivíduo não adequado para a função.

Adicionado à nova estrutura familiar com funções definidas, os papéis do gênero masculino e feminino e a ainda a ação de democratização da instituição escolar, a profissão de docente torna-se paulatinamente mal remunerada. Portanto, embora a docência representasse certa elevação social e conveniência de escolarização para as pessoas do gênero feminino, a ação institucional da educação do país, especialmente no atendimento à criança e à educação primária, esteve marcada pela ideia de desinteresse, dádiva, afeição e sacrifício, conjeturadas qualidades apontadas às docentes.

Assim, o estabelecimento de ensino público de Educação Infantil no país solicitou a observação de distintos fatores, bem como a subsistência de uma multiplicidade de estabelecimentos de creches e pré-escolas: a compreensão pedagógica assistencialista, em que o auxílio às crianças evidenciava-se pelos cuidados do corpo e da alimentação, para as pessoas menos favorecidas, a creche seria uma maneira de possibilitar o arranjo familiar; a educação/treinamento de desenvolturas para o acesso escolar por decorrência não congênita, mas maquinada politicamente e impregnada culturalmente. Nesse enfoque, o homem não era indicado para praticar a função de professor de crianças pequenas, uma vez que o cuidar caracterizou-se como atributo inato da mulher. (KUHLMANN JR. 2001)

Para Carvalho (2001, p. 83),

> Ao longo do século XX, a docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino, hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério. No século XX, o caráter feminino do magistério primário se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria já era essencialmente feminina.

Assim, a partir do séc. XIX, gradualmente os homens vão desistindo das salas de aula e, consequentemente, a docência vai se constituindo mais e mais de mulheres. Essa particularidade conserva-se por todo o período do séc. XX, incitada, principalmente, pelas claras mudanças econômicas, populacional, cultural, social e políticas pela qual o Brasil atravessava, e que terminam por causar uma grande presença feminina no mundo do trabalho em inúmeras funções. Propensão, inclusive, observada também em vários países. (CARVALHO, 2001).

4.1 Percurso profissional de homens que escolheram trabalhar como educadores na Educação Infantil

No que se refere à Educação Infantil, pode-se observar a predominância de docentes do gênero feminino na contemporaneidade (século XXI), tendo em vista que historicamente a área educacional, especialmente a profissão de professor, é considerada um campo de atuação próprio para as mulheres, em decorrência dos atributos tidos como naturais desse gênero, como o cuidar, principalmente quando se trata do trabalho com crianças pequenas. Considerando essas circunstâncias, pondera-se refletir acerca do percurso profissional de homens que escolheram trabalhar como educadores de Educação Infantil.

A constituição profissional e a edificação das identidades dos docentes da Educação Infantil instituem-se em elementos fundamentais das políticas e técnicas em Educação Infantil. Essa ação abrange tanto a constituição e a capacitação profissional quanto às qualidades de serviço e a carreira profissional nas organizações de ensino que oportunizam esse nível da educação. Para Araújo e Hammes (2012, p. 7),

> Somente em meados do século XVIII é que os homens deixam a função de educador para as mulheres. Tendo em vista que, uma vez que as mulheres não podiam frequentar a escola, elas não recebiam formação para se tornarem professoras, mas como os homens foram atraídos em meados do século XVIII por outras profissões, e em meio a muitas mudanças sociais as mulheres chegaram à escola, primeiro como alunas e depois como professoras.

Entretanto, esse quadro vem se modificando no Brasil, na Alemanha, na Argentina e em outros países. A classe feminina vem ocupando funções de destaque, atuando até mesmo como administradoras de Estado. Nesse cenário, a população não faz grandes objeções e aceita naturalmente o fato de que pessoas do gênero feminino também têm capacidade para administrar ou atuar em setores da sociedade tanto quanto o homem. Essa conjuntura revela que é pertinente refletir as afirmações de que apenas as mulheres estão preparadas ou que apenas elas são apropriadas para trabalharem na educação de crianças pequenas.

> A polêmica do trabalho docente masculino em creches se inscreve desta maneira porque historicamente os cuidados, e eu incluo também a educação das crianças pequenas, vem sendo, em grande parte das culturas, uma atribuição do universo feminino carregando, assim, as marcas culturais da maternagem, ou seja, as marcas culturais do feminino. (ARAÚJO; HAMMES, 2012, p. 8).

Nesse enfoque, pode-se perceber que o maior entrave é social, tendo em vista que esse preconceito carrega consigo as marcas da cultura da discriminação. O preconceito ainda existe no que se refere aos homens que escolhem trabalhar com crianças de zero a cinco anos. Além de afrontarem a realidade de que cuidar de crianças pequenas seja um ofício específico da mulher, em grande parte, ainda tem assentado sobre desconfiança a sua masculinidade ou suportam com retaliações por parte de alguns familiares temerosos de que seus filhos, principalmente meninas, passem por algum tipo de violência sexual. (ARAÚJO; HAMMES, 2012).

A longa metragem “A creche do papai” revela como a população reage frente a uma situação em que necessita deixar a criança pequena aos cuidados de uma pessoa do gênero masculino. Demonstra ainda vários julgamentos sobre o assunto em que se pode perceber de forma nítida o preconceito que muitos cidadãos têm contra o homem que escolhe a profissão de ensinar as crianças. Na concepção de muitos personagens do filme, não é comum homem preocupar-se com crianças. Vários outros afirmam concordar com os cuidados do homem,

entretanto, consideram que uma instituição infantil apenas com profissionais masculinos é contestável.

Acredita-se que esses posicionamentos decorrem do fato de a sociedade entenda que um homem não tenha a capacidade de dar banho em uma criança, bem como trocar fraldas, alimentar, acalentar, entre outros cuidados exigidos da profissão. O filme ainda demonstra que a população determinou a compreensão de que os afazeres em uma creche voltada ao público Infantil devem ser desenvolvidos apenas por mulheres. Além disso, faz ressalva quanto à discriminação de um homem atuar como docente, o qual opta por essa escolha por não ter tido êxito na vida profissional. Ressalta que os homens não têm tantas habilidades como as mulheres; e que as mulheres podem dar banho em um menino sem grandes obstáculos, mas um homem não pode dar banho em uma menina.

> A ideia de que não é natural trocar fralda foi socialmente construída baseada em uma grande discriminação. É como se o homem, necessariamente, não fosse capaz de cuidar de um bebê, podendo derrubá-lo no chão a qualquer momento. Esta ideia discrimina não só o homem enquanto educador, mas também enquanto pai, pois grande parte dos homens divide os cuidados de filhos pequenos com suas esposas e cumprem essa tarefa muito bem. Porém, a sociedade considera que se ele não é capaz de cuidar do próprio filho vai saber cuidar de crianças que nem conhece direito? Mas esse entendimento pode ser um tanto quanto equivocado. (ARAÚJO; HAMMES, 2012, p. 8).

A partir do primeiro contato com o ensino a criança concebe os primeiros passos para o convívio com o outro e, em razão dos cuidados imprescindíveis decorrentes da pouca idade das crianças pequenas, as ações do docente precisam ser ajustadas na reflexão de sua ação e nos cuidados, e não na inércia ou na displicência. O que implica afirmar que os docentes dessa Modalidade da Educação podem ser homens ou mulheres, independentemente se possui aptidão com os cuidados maternais. O que prevalece é sua atitude profissional.

Embora as instituições de Educação Infantil tenham sido atreladas desde tempos remotos à figura da mulher, foi um homem responsável pela criação do primeiro Jardim de Infância.

Para Almeida (2002, p. 6),

> No século XIX destacamos a figura de Friedrich Fröebel (1782 – 1852), educador protestante alemão que desenvolveu suas teorias arraigadas em pressupostos idealistas inspiradas no amor à criança e à natureza. Foi notadamente reconhecido pela criação dos “Kindergartens” (jardins de infância), nos quais destacava ser importante cultivar as almas infantis e para isso o fundamental era a atividade infantil.

Observa-se que, além de ampliar suas ideias a partir de conjeturas idealistas movidas pelo amor à criança pequena, Froebel (1782 – 1852) ainda foi claramente valorizado pela invenção dos jardins de infância. O que revela que a educação de crianças não deva ser prioritariamente de mulheres, marginalizando os homens desse nível de ensino.

Grande parte da população compreende que é a mulher que está mais qualificada para educar as crianças pequenas durante a primeira etapa da educação básica. Entretanto, quando se remete à historicidade da Educação Infantil, têm-se, sobretudo homens pesquisadores preocupados com essa modalidade de ensino. Essas inquietações começam a brotar no princípio do século XVII. “Foi no início do século XVII que surgiram as primeiras preocupações no que se refere ao ensino das crianças pequenas”. (ALMEIDA, 2002, p. 2).

> [...] Foi a partir da proposta de Campanella (1568-1639) que iniciaram as primeiras propostas educativas voltadas à educação na infância. Desde então, vários teóricos como Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Decroly, Vigotsky e Piaget, elaboraram vários estudos nos quais também contemplaram a educação infantil, em face de raros e escassos trabalhos femininos. (ARAÚJO; HAMMES, 2012, p. 8).

Observa-se a presença marcante de profissionais homens propondo-se a pensar propostas pedagógicas para o cuidar e educar dos pequenos. Como se observa, essa preocupação deu-se, maiormente no universo de pesquisadores do gênero masculino.

Dentre os estudiosos que realizaram suas pesquisas voltadas à Educação Infantil, ressalta-se Comênio (1592 – 1657), que é notavelmente concebido como um dos grandes educadores da história da Educação. Estruturou a sua pedagogia em quatro momentos distintos, ponderando os anos relacionados ao desenvolvimento do indivíduo, sendo: infância, puerícia, adolescência e juventude. Vale ressaltar que cada um desses momentos durava em média seis anos.

Ao lê-se a proposta da instituição escolar materna, pode-se comprovar que ela foi elaborada atribuindo à família uma missão pedagógica de muita responsabilidade, pois competia a ela o encargo pelo ensino dos pequenos antes de completar os sete anos.

Comênio (1592 – 1657) foi estimado um dos maiores mestres da história, e Rousseau (1712 - 1772), embora não tenha sido professor, é visto como um dos filósofos mais influentes da história da Educação. Em sua produção “Emílio” (1762), faz sérias críticas à comunidade de seu tempo no que se refere ao ensino desempenhado às crianças. Compreendendo toda essa extensão histórica, convém prosseguir na abordagem sobre como tem sido debatida a temática sobre presença do homem na pedagogia infantil.

5 O PROFESSOR HOMEM NA PEDAGOGIA INFANTIL

Com a chegada de um ser masculino para atuar como professor de Educação Infantil é comum surgirem indagações sobre sua sexualidade. No princípio são colocados à prova e envidados a comprovarem que têm aptidão. Isto é, no campo do imaginário da sociedade acredita-se que somente mulheres e não homens são aptos na realização de tarefas com Educação Infantil. Aquele que escolhe por essa atividade tem o desafio de demonstrar que tem competência para a prática da função pedagógica com crianças. (CARDOSO, 2004)

Para Cardoso (2004), é ainda recorrente uma maneira de susto frente a algo que parece escapar às normas socialmente constituídas. Se, no imaginário coletivo da sociedade, existe um padrão de que educar e cuidar de pessoas pequenas é uma tarefa feminina e não masculina, é inteligível que quando os seres masculinos escolhem pela pedagogia com crianças sejam notados como pessoas que distorcem do paradigma tradicional.

Um acontecimento bastante comum identificado acerca da profissão de professor homem com o público infantil é o estranhamento das pessoas em relação à presença da figura masculina nessa etapa de ensino. Não apenas as famílias das crianças reagem dessa forma, mas também as professoras colegas de profissão, conforme afirma Sayão (2002, p. 02, grifo do autor).

> No caso brasileiro, apesar de numericamente ser insignificante, o número de professores do sexo masculino atuando nessas instituições, sua presença, dada às especificidades que o trabalho com as crianças pequenas suscita, é motivo de **estranhamento** por parte não só das mulheres profissionais, como também das famílias das crianças que frequentam estas instituições.

Nesse enfoque, a autora avalia as histórias de vida dos homens professores como dados que auxiliam a entender como se formaram educadores voltados para a área de Educação Infantil. Fundada na bibliografia a respeito das relações de gênero, ela busca problematizar a ação pedagógica nessa etapa da educação, percebendo, por exemplo, que a ação docente, nesse nível, sofre interferências de entendimentos cristalizados sobre homem e mulher.

Jensen (1993) problematiza a inserção masculina em trabalhos de cuidados com crianças pequenas, destacando o imperativo de analogias mais iguais

entre pessoas do gênero masculino e feminino no universo do trabalho, e, sobretudo no cuidar e educar das crianças. Para o autor, o que existe na classificação de ocupação dos gêneros na pedagogia infantil não é um quantitativo exagerado de mulheres, mas existe uma carência de homens. E esta ocorrência tem elucidações a partir de assuntos socioculturais e de natureza socioeconômica. Isto é, os homens se distanciam da pedagogia com crianças não somente pelas discriminações culturalmente construídas, mas ainda pela historicidade do desmerecimento profissional conjeturada nos pequenos salários e nas péssimas condições de serviço.

> O argumento que relaciona a escassez de homens, neste segmento, aos baixos salários e más condições de trabalho perde sua força ao verificarmos que esse fenômeno também ocorre em países cujas condições são melhores e os salários mais altos. Mesmo em países onde foram desenvolvidos programas específicos no sentido de atrair homens para o trabalho em instituições de educação e cuidado da primeira infância, como Noruega, Dinamarca e Reino Unido, a participação masculina ainda permanece irrisória. (SOUZA, 2010, p. 20).

Avaliando a colocação do autor é possível observar um confronto em relação ao pequeno número de pessoas do gênero masculino na pedagogia voltada para Educação Infantil.

5.1 A profissão de professor e as relações de gêneros

A constituição da identidade masculina e feminina é feita através do embate ou da caracterização entre a função social no decorrer da ação de socialização infantil. É no contexto da vivência familiar, por meio da internalização das diferentes funções centradas no sexo, na idade, imagem do próprio corpo, dentre outros, que o ser humano dá início à sua formação. Logo após, a sua identidade de função vai sofrendo uma ação gradativa de individualização, sendo trocada pela identificação do “eu”. (BRABO; ORIANI, 2017).

Se a preparação do padrão de identidade do homem, bem como também a da mulher, é gerada na vida social, as ideias são então condições dessa identidade. Assim, a identificação social é uma ideia que está hodierna em todas as ações de homens e mulheres, em tarefas religiosas, estéticas, morais e filosóficas.

Nesse percurso, deve-se considerar que todas as analogias sociais são estabelecidas pela cultura vivente, que incide numa série de modelos de comportamentos realizados por meio de costumes de massa que, uma vez determinados, cogitam-se no futuro e são vistos como *naturais.*

> Em toda a sociedade, a diferenciação baseada em sexo e idade é universal: existem padrões de comportamento distintos para homens e mulheres, jovens e adultos; cada grupo tem suas próprias características de comportamento, que é fortemente influenciado pelos padrões de cultura. (BRABO; ORIANI, 2017).

Na Educação Infantil, especialmente, comprova-se a predominância de profissionais do gênero feminino na docência, visto que, historicamente, foi considerada uma área de desempenho própria para as mulheres, pelos atributos tidos como naturais à classe feminina, dentre elas, o ato do cuidar. Considera-se, dessa forma, imperioso refletir sobre o papel do professor homem nesse contexto fundamentalmente feminino.

> Cada sociedade constrói as relações de gênero de acordo com sua cultura. Os homens são definidos historicamente em termos de suas conquistas nas instituições sociais. Eles produzem *cultura*, ou seja, o mundo da cultura é deles. Já a mulher, por seu *status* ser derivado do estágio no ciclo da vida, de suas funções biológicas, de seus laços sexuais e biológicos a homens específicos, é definida como *natureza*, em contraposição ao homem que significa *cultura*. (BRABO; ORIANI, 2017, grifo dos autores).

Desse modo, a figura feminina é vista como ideal para trabalhar com as crianças de Educação Infantil, principalmente porque, conforme suas especificidades biológicas, ela têm excepcionalmente competências naturais para o cuidar. Além disso, a remuneração da mulher é considerada apenas como suplementar ao salário do cônjuge, o responsável pelo mantimento familiar. Logo, se o papel principal da mulher é a dimensão da maternidade, a docência representava também essa extensão.

As circunstâncias pelas quais os homens procuram a docência, especialmente para trabalharem com crianças de Educação Infantil, pode significar uma ação consequente dos progressos no que se refere às analogias sociais de gênero. Para os autores, Brabo e Oriani, (2017), A profissão de professor, que primeiramente instituiu-se por ser masculina, desde o período do século XX incidiu pela ação de feminização, que não se assinalou somente pela predominância da

mulher, mas ainda pela desvalorização do trabalho de magistério.

Conforme Sarmento (2017),

> Mais do que as educadoras, os homens-educadores têm que possuir convicções muito fortes para levarem por diante seus propósitos, dado terem que se confrontar com muitas pressões sociais, quer de tipo familiar quer do tipo mais geral, que identificando o exercício desta profissão com o gênero feminino, não aceitam a inscrição de homens na mesma. Trata-se de pessoas do sexo masculino, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associadas à feminilidade e que, uma vez que a estreita correlação entre feminilidade e mulheres, masculinidade e homens também é um pressuposto estabelecido, são igualmente expectativas, conceitos e tarefas estreitamente.

Segundo as autoras supracitadas, com homens professores surgiu um novo ser masculino. Esse novo ser se distingue dos modelos preservados do homem clássico, sobretudo no que diz respeito à família. Tais condutas representam uma redução no distanciamento entre a classe masculina e feminina. Essa comprovação representa um progresso nas relações entre homem e mulher.

> Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos naturalmente. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente natural nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, consequentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. (LOURO, 2011, p. 6).

As concepções de gênero são, dessa forma, constituídas e determinadas por influências sociais e culturais, são afeiçoadas pelas relações de poder de uma comunidade. A sexualidade é um elemento histórico, ela é uma criação social, visto que se formam, historicamente, discussões que regulamentam e instauram conhecimentos, que brotam verdades. Sua acepção de elemento ampliador recomenda o norte e a compreensão de nosso ponto de vista, um adjacente categoricamente heterogêneo que abrange alocuções, organizações arquitetônicas,

instituições, normas, enunciados científicos, propostas filosóficas, éticas, morais e filantrópicas. (LOURO, 2000).

Nesse enfoque, gênero, sexualidade e corpo na pedagogia causam certas limitações. A escola se desenvolve através das relações de poder e conhecimento. Isso implica resistência e persistência ao discutir sobre essas questões em um sistema de segregação. A dificuldade se constitui, pois há certa convergência em estudar o entendimento da palavra “sexo” apenas como questão biológica, esquecendo, desse modo, dos aspectos sociais e individuais.

Assim, embora recentemente a sexualidade tenha sido entendida como um marco cultural, ainda é vista como um preconceito na área pedagógica, sendo discutida e contestada em pesquisas que se propõem em analisar sobre o assunto. (BUTLER, 2000).

> Há muito que estudiosas feministas procuram demonstrar a especificidade e, consequentemente, a distinção entre gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, sua estreita articulação. Entre essas estudiosas, o conceito de gênero surgiu pela necessidade de acentuar o caráter eminentemente social das diferenças percebidas entre os sexos. Apontava para a impossibilidade de se ancorar no sexo (tomado de modo estreito como características físicas ou biológicas dos corpos) as diferenças e desigualdades que as mulheres experimentavam em relação aos homens (LOURO, 2011, p. 64).

Louro (2011), ao discutir sobre gênero, aborda que é preciso contemplar as teorias constituídas pelas pesquisadoras feministas e recomenda uma ideia plural, que considere a fundo as relações sociais e resista aos assuntos biológicos e também culturais da heterogeneidade e desigualdade.

Desse modo, Louro, (2011, p. 64) ressalta que,

> O exercício que se propõe aqui é um rompimento com pensamento dicotômico: feminino em oposição ao masculino; razão/sentimento; teoria/prática; público/privado, etc. "Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades, etc., e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada”.

Percebe-se que as inúmeras maneiras de se conceber como mulher ou também homem, a partir das inúmeras probabilidades de vivenciar encantos e anseios corporais são continuamente interferidas pelos sujeitos que atuam em decorrência de sua religião, classe, idade ou raça. Mas, existe a necessidade de se romper com o pensamento que delimita de forma simplista a dicotomia entre

masculino/feminino ou dominante/dominante. Os significados e funcionamentos acerca de gênero “Estabeleciam e estabelecem pessoas femininas e masculinas, significaram e são elaboradoras de “marcas”“. (LOURO, 2011, grifo do autor).

> Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos (LOURO, 2000, p. 17).

Percebe-se que existem lugares, pontos de vista, gestos, tarefas, profissões, emoções sobre a feminilidade e a masculinidade. Além disso, a mídia exerce forte controle no que se refere às concepções de masculino e feminino. Assim, assume-se, irrefletidamente, o fenômeno natural das dessemelhanças entre homens e mulheres. E essa é uma maneira de esconder ou de silenciar as analogias de poder que as instituem entre os corpos. O referido autor anuncia sua discordância e desencanto no que diz respeito aos conservadores grupos coletivo e políticos, ao preconceito, à segregação e ao ato de silenciar-se.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, de caráter qualitativo, foi necessário realizar-se uma pesquisa bibliográfica e outra de campo, com aplicação de questionário de questões abertas, a fim de coletar os dados e compreender de forma mais atenta e precisa sobre a temática abordada. O levantamento de informações consubstanciou a investigação.

Nesse sentido, Marconi e Lakatos (2011, p. 186) esclarecem sobre pesquisa de campo,

> Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Esse tipo de pesquisa requer um trabalho de campo para compreender melhor a realidade em estudo, possibilitando ao pesquisador explicar a realidade na ordem como ocorrem os fatos. Exige também um estudo bibliográfico para embasar a pesquisa. Na pesquisa de campo, acontece uma sondagem do objeto de investigação. Trata-se de um procedimento metodológico que adota como elemento de avaliação um questionário sem arquitetado aplicado junto ao gestor, famílias e professores que atuam na escola pesquisada.

Com base nas considerações de Gil (2012, p. 115), compreende-se por questionário “[...] um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado [...]” e por isso “[...] apresentará sempre algumas limitações [...]”. Desse modo, mesmo apresentando algumas limitações, o referido autor assegura que o questionário é um artifício útil, prático e ligeiro na obtenção de informações e coleta dados.

O processo metodológico utilizado em campo foi à abordagem de pesquisa qualitativa.

> A pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseados representam um papel menor na análise. (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2017).

A abordagem qualitativa possibilitou utilizar o ambiente natural como fonte direta de dados para compreender e explicitar os fenômenos sociais, sendo o pesquisador o seu principal instrumento (GIL, 2012).

6.1 Universo e amostra da pesquisa

O universo de averiguação foi a Escola Papa João Paulo II e a Creche Escola Santa Maria, bem como algumas famílias, professores e gestores das referidas instituições. As escolas funcionam em dois períodos: matutino e vespertino.

A Escola Papa João Paulo II atende crianças a partir de 4 (quatro) a 10 (dez) anos de idade e a Creche Escola Santa Maria oferece atendimento destinado às crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos de idade. Assim, o público alvo para a efetivação dessa pesquisa foi constituído por 2 (dois) gestores, 6 (seis) famílias e 7 (sete) docentes que trabalham nas instituições pesquisadas. Vale ressaltar que todos os profissionais voltados para a área da educação envolvidos na pesquisa possuem formação adequada para atuar em suas respectivas funções.

A escolha das referidas escolas se deu pelo fato de que em ambas as instituições trabalham profissionais tanto do gênero masculino quanto feminino. Além disso, o consentimento e colaboração da equipe escolar para a realização da pesquisa foi indispensável para que ela fosse efetivada.

Para alcançar os resultados na investigação, foram observadas as ações pedagógicas desenvolvidas por uma professora e por um professor de cada instituição de Educação Infantil mencionadas acima. Logo após a etapa de observação, foram feitas as aplicações dos questionários com questões semiestruturadas que foram previamente marcadas.

A opção de aplicar os questionários se justifica por ser uma maneira de conseguir dados mais completos e precisos sem influências ou constrangimentos diretos sobre os pontos de vista dos sujeitos pesquisados. Por meio do questionário, os agentes podem responder de maneira consistente e natural.

6.2 Análise e discussão dos dados coletados

Esta pesquisa teve como objeto de estudo a presença do professor homem na Educação Infantil a partir do interesse em Investigar se há preconceito com relação à atuação de docentes do gênero masculino nessa modalidade de ensino.

Diante das observações feitas inicialmente nas salas de aula, percebeu-se que as relações sociais de gênero em ambas as instituições provocam indagações que incitam a reflexão não apenas do professor como também da professora sobre suas práticas no contexto escolar. Deve-se ter atenção sobre posicionamentos que porventura possam corroborar com os estereótipos estabelecidos pela sociedade. Se a intenção é formar cidadãos para uma sociedade democrática, emancipatória, com direitos e garantias sem distinção de raça, situação econômica ou gênero, é necessário que os educadores estejam atentos em proporcionar uma ação pedagógica não discriminatória a partir dessa primeira etapa da educação básica.

Essas informações prévias subsidiaram a delimitação mais precisa do objeto de investigação, bem como a elaboração dos instrumentos que favorecessem a coleta de dados para análise. O objetivo principal, que guiou este trabalho, foi investigar os aspectos sociais, relações de gênero, bem como os pontos de vista dos familiares e colegas de profissão sobre a atuação de docentes do gênero masculino na Educação Infantil na perspectiva de verificar se existe o preconceito em relação à presença desses professores.

Esse objetivo desdobrou-se em ações mais específicas que tiveram como propósito analisar alguns aspectos de gênero que abrange a profissão docente na Educação Infantil; conhecer o perfil do professor homem que trabalha nessa modalidade de ensino; verificar as percepções da família sobre a atuação de professores homens nesse contexto; analisar as relações de gênero, bem como a ação de interação estabelecida entre professor e comunidade.

Diante do exposto sobre a finalidade da pesquisa, pretende-se, nessa parte do trabalho, compartilhar os resultados alcançados por intermédio da investigação, a partir da análise do material coletado. Vale ressaltar que os agentes

da pesquisa não serão identificados por seus nomes próprios, mas por letras e números[1], e suas respectivas respostas serão destacadas com letras em itálico.

6.2.1 Percepção dos gestores em relação à atuação do professor homem na Educação Infantil

Antes de analisar sobre o que pensam os gestores em relação à atuação do educador do sexo masculino na Educação Infantil, faz-se necessário conhecer algumas informações sobre o perfil desses profissionais que administram as instituições. Ambos são pedagogos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino; possuem um tempo significativo de experiência no magistério.

Quadro 2 – Respostas dos gestores sobre como se tornaram gestores.

G1	Por convite da Secretaria de Educação
G2	Por convite da gestão do município

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

É importante ressaltar que, conforme as respostas dadas pelos entrevistados, a escolha de sua gestão não ocorreu de maneira democrática, visto que estão ocupando suas funções por indicação e não através de meios internos ou externos da escola. Alude-se, portanto, a pouca participação dos pais nas tomadas de decisões, a começar pela escolha do gestor escolar.

Quadro 3 – Respostas dos gestores sobre a existência de poucos professores homens nas creches e pré-escolas.

G1	Devido ao preconceito existente.
G2	Acredito que é pelo fato de não terem habilidade para trabalharem com crianças pequenas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Constata-se, nas respostas dos gestores, a percepção de que existe certo preconceito com a atuação do professor homem em relação à execução de ações

[1] Os nomes dos envolvidos na pesquisa são identificados por letras e números para garantir a preservação das identidades e dos conteúdos das declarações prestadas, conforme orientações contidas na Resolução nº 196/96

pedagógicas na instituição de Educação Infantil. Revela-se, de certa forma, que ainda existe uma grande resistência por parte da comunidade com a inserção do homem na educação dos pequenos.

Nesse sentido, é importante destacar o posicionamento de Brabo e Oriane (2017) sobre o assunto:

> Todas essas questões apontadas justificam a ausência do homem atuando como professor na Educação Infantil e, embora sejam poucos, eles precisam ser considerados e ouvidos, tendo em vista que esse nível de ensino representa os primeiros contatos da criança com um grupo social diferente dos membros da família além do que esses contatos contribuirão também para a construção da identidade de gênero da criança.

Cabe reforçar que as autoras incitam a reflexão acerca da relevância da atuação do homem na Educação Infantil como meio de estabelecer entre os gêneros uma relação mais harmoniosa, visto que a desvalorização do trabalho pedagógico do homem mantém, de certo modo, a sustentação de uma sociedade desigual.

Quadro 4 – Ao serem questionados sobre o que as professoras pensam em relação à atuação do homem enquanto docente no que se refere à Educação infantil.

G1	As mesmas parabenizam pela escolha.
G2	Apesar de ser um pouco estranho o desempenho deles é satisfatório.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Comprova-se, com base nas afirmações dos gestores, que o fato de serem homens não os impede de desenvolverem um bom trabalho com crianças pequenas. O que reporta às palavras de Brabo e Oriane (2017) ao destacarem que,

> É preciso relembrar que o feminismo configura novas identidades, tanto feminina quanto masculina. Nesta perspectiva, trabalhar para que as relações sociais de gênero desde a Educação Infantil sejam pautadas no respeito, na ideia de que o/a outro/a é *sujeito de direitos* é essencial para que se forme cidadãos que compreendam e respeitam as diferenças.

Considerando o que as autoras destacaram, é de suma importância que a instituição escolar trabalhe na perspectiva de uma sociedade igualitária, não em formar pessoas preconceituosas, pois as crianças desde pequenas devem aprender a ter respeito pelas diferenças individuais.

Nesse enfoque, é preciso levar em conta as constituições sociais e culturais de homem e mulher, e refletir na passagem das escolas pelos gêneros, pois o espaço escolar é um lugar apropriado para discutir assuntos relacionados ao gênero.

Quadro 5 – Ao serem questionados se tem algum tipo de preconceito com a figura masculina exercendo a profissão de professor de Educação Infantil

G1	Não, porque os mesmos têm capacidade de desenvolver um excelente trabalho.
G2	Não, pois o professor homem também contribui para com a aprendizagem das crianças.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Com base nas respostas dos sujeitos da pesquisa, verifica-se que consideram indistintamente homens e mulheres com habilidades e capacidades para desenvolverem um trabalho pedagógico satisfatório.

Segundo Junqueira (2007b, p. 67),

> Em uma sociedade, como a brasileira, constituída e estruturada pela diversidade, e em que as diferenças são, com frequência, produzidas e percebidas no curso de relações assimétricas, a promoção da cultura do reconhecimento da diversidade pode representar mais do que um *irrenunciável compromisso de ordem ética*. Com efeito, ao nos conscientizarmos de que a diversidade nos *caracteriza* como sociedade e como indivíduos somos impelidos a procurar formas de reconhecê-la de modo a fazer com que ela (e a pluralidade que a acompanha) possa configurar um fator de *enriquecimento* e de desestabilização das relações de poder.

Desse modo, é fundamental que na área educacional haja discussão sobre diversidade cultural, visto que é no ambiente escolar que se retrata sobre o desenvolvimento e formação do sujeito a partir da convivência social e democrática. Além disso, a escola possui uma função estratégica na elevação da igualdade de condições e de oportunidades, bem como na inserção e na integração social.

Quadro 6 – Quando questionados sobre por que na educação em que atuam existem poucos professores homens.

G1	Por sofrerem preconceitos.
G2	Por falta de habilidades.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Percebe-se uma distinção de pensamentos na questão do quadro 5: enquanto o G1 acredita que o preconceito é a razão para a existência de poucos professores na modalidade Educação Infantil, o G2 afirma ser a falta de habilidade. Entretanto, também se observa uma contradição na resposta do G2 em relação à questão do quadro 4, em que ela afirma que o homem também tem competência para contribuir com a aprendizagem das crianças.

Vale destacar o que Sousa (2017) afirma,

> Um fenômeno identificado sobre a docência masculina com crianças é o estranhamento bastante comum nas instituições de educação infantil frente à figura masculina ali presente, seja entre os que lhes são favoráveis, seja entre os que se mostram contrários.

Nesse sentido, embora o homem seja numericamente um ser com atuação inferior à da mulher na docência na modalidade infantil, o trabalho de educadores masculinos na instituição infantil tem sido motivo de estranhamento por parte dos próprios colegas de profissão, e isso pode ser uma das razões pelas quais o ser homem se distancie da profissão de professor nessa etapa da educação.

Quadro 7 – Atitude dos gestores ao verem homens sofrendo preconceito por atuarem na Educação Infantil como professores

G1	Indignada.
G2	Procuro dialogar com as pessoas preconceituosas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Percebe-se que ambos os entrevistados afirmam não compactuar com atitudes preconceituosas no que se refere à atuação do professor homem na modalidade infantil. Mais uma vez, nota-se a contradição do G2, uma vez que ela, na questão do quadro 6, afirmou que o professor homem não possui habilidades para trabalhar com crianças pequenas.

Segundo Araujo e Hammes (2012, p. 8),

> Pode-se observar que a maior dificuldade é social, pois esse preconceito traz consigo as marcas culturais da maternagem. O preconceito ainda é grande em relação aos homens que se dedicam ao trabalho com crianças pequenas. Além de enfrentarem o fato de que cuidar de crianças seja uma função específica da mulher.

Os autores destacam como a coletividade reage frente ao papel do

homem docente na área de Educação Infantil e como se constituem os desafios desses profissionais. Nota-se o preconceito por parte de alguns sujeitos da sociedade e de certa forma essa postura preconceituosa discrimina não somente o homem professor, mas também como pai, considerando que muitos deles compartilham os cuidados de seus filhos (as) no lar e conseguem se desempenhar de forma satisfatória.

Quadro 8 – Quando indagados se a professora tem mais competências e habilidades que o professor.

G1	Não.
G2	Sim, acredito que a mulher tem mais habilidades que o homem por elas serem mães.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Observa-se que o G2 acredita que o professor homem de Educação Infantil não possui competência profissional para trabalhar com crianças pequenas enquanto que o G1 revela que tanto um quanto o outro estão aptos para atuarem na prática pedagógica com crianças.

Nesse enfoque vale destacar as palavras de Araujo e Hammes (2012, p. 8), ao enfatizar que, “O que significa que não importa se o (a) educador/a escolhido/a para atuar em uma sala de educação infantil, é do sexo feminino e possui instinto materno ou masculino, mas sim a sua atuação profissional.”.

Assim, a compreensão de que o sujeito que se encontra mais qualificado para desenvolver tarefas pedagógicas na Educação Infantil seja preferencialmente uma mulher é um equívoco. Em relação à Educação Infantil pode-se dizer que ela é uma etapa da vida em que a figura masculina é indispensável, sobretudo pela carência crescente da figura de pai nos lares.

Quadro 9 – Sobre o que acham da presença masculina na vida das crianças e se isso contribui de maneira positiva

G1	Contribui sem dúvida com a formação pessoal e social da criança.
G2	Positiva.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Percebe-se mais uma vez contrariedade com relação às respostas do G2, comparando a resposta dada no quadro 8 (oito) com a resposta do quadro 7 (sete),

quando afirma que a mulher possui mais habilidades do que o homem. Já a resposta do G1 mostra plena convicção de que a prática do professor influência de maneira positiva com a formação da criança em vários aspectos.

> […] os professores de educação infantil deveriam ser homens e mulheres, e ainda ressalta que é um absurdo a discriminação sofrida pelos professores do sexo masculino. As Leis que regulamentam a educação básica e a educação infantil no Brasil, também não fazem referência sobre quem deve ser esse profissional. Ou seja, não indicam se tal educador necessita ser do sexo feminino ou masculino. Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) (1996), que é considerada a carta magna da educação brasileira, a formação do professor de educação infantil deverá ser no mínimo em nível de magistério, entretanto não faz nenhuma alusão se o mesmo deverá ser do sexo feminino ou masculino. (ARAUJO; HAMMES, 2012, p. 9).

Como se percebe, a legislação que regulamenta o ensino do país não determina sobre o gênero do docente que deve atuar na Educação Infantil. Embora grande parte da população atribua somente às mulheres a preparação para trabalharem com crianças pequenas, a Leia magna alude apenas à qualificação profissional.

Conclui-se, assim, que a maioria das respostas dadas pelo G2 desconsidera a importante função do professor homem, pois revela algumas ambiguidades quanto à competência masculina para lidar com crianças. Por outro lado, as respostas dadas pelo G1 demonstram a percepção de que não é a questão de gênero que torna o profissional qualificado, mas suas competências profissionais.

Constatou-se, ainda, diante das falas do G2, a complexidade da aceitação do trabalho masculino no ensino infantil, considerando que os próprios colegas de profissão estranham e criticam sua escolha profissional. A partir das observações e dos dados analisados, reconhece-se que existe diversos preconceitos em relação à atuação do gênero masculino como professor de crianças pequenas.

6.2.2 O que os professores e professoras pensam sobre a atuação do professor homem na Educação Infantil

Analisar as relações de gênero, bem como o que pensam os professores e professoras sobre a atuação do professor homem na Educação Infantil configurou-se como um dos objetivos desta pesquisa para conquistar o resultado final.

Desse modo, nesta parte do trabalho serão apresentadas as análises feitas sobre as relações de gênero na escola. Vale ressaltar que os professores serão nomeados por P1 e P2, e as professoras serão identificadas por P3 e P4, como forma de preservar as respectivas identidades.

Quadro 10 – Ao serem questionados sobre como foram recebidos pelos outros profissionais, pais e responsáveis e se houve preconceito.

P1	Não sofri nenhum tipo de preconceito, fui muito bem recebido.
P2	Fui bem aceito por todos, me sinto bem à vontade.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

É importante ressaltar as respostas dos professores quando destacam que foram bem aceitos e que não houve nenhum estranhamento por parte de nenhum dos segmentos envolvidos no sistema educacional.

Nesse sentido, alude-se ao pensamento de Junqueira (2007b, p. 63),

> A diversidade é fator de qualidade. Não é a qualidade do ensino que acarreta uma coexistência pacífica e um convívio democrático com a diversidade. Mas o contrário: é a promoção da diversidade que conduz a educação de qualidade. Somente alcançaremos uma educação de qualidade se promovermos o convívio cidadão, o reconhecimento da diversidade, a inclusão e o pertencimento de todas as pessoas. O contrário disso já conhecemos e sabemos quais são seus efeitos.

Assim, a educação só é inclusiva e de qualidade se for desenvolvida por meio da valorização e do respeito às diferenças de cada um, pois se a função da escola é preparar o sujeito para viver em sociedade de maneira democrática, não se pode conceber atitudes preconceituosas e discriminatórias, sobretudo nesse espaço educativo.

Quadro 11 – Sobre a rotina do dia a dia docente em sala de aula.

P1	Inicio sempre com a acolhida, logo após faço uma roda de conversa, depois a chamadinha e posteriormente desenvolvo atividades de acordo com as necessidades das crianças.
P2	Desenvolvo minhas atividades sempre de acordo com as necessidades das crianças.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Comprova-se, segundo as assertivas dos professores, que eles têm aptidão, compromisso e organicidade para exercer a função de educador de crianças, tendo em vista a forma como desenvolvem as rotinas diárias na escola.

Conforme assegura Oriani (2008, p. 8),

> A Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, representa os primeiros passos da criança para a convivência com o outro e, apesar dos cuidados necessários devido à pouca idade das crianças as escolhas do/a professor/a devem ser pautadas na reflexão de sua atuação, e não na passividade e nos cuidados.

A autora esclarece que não é exclusivamente o professor homem que possui a sua atividade posta em dúvida, mas sim a figura do ser homem como pai também. O ponto de vista de que não é normal trocar fralda, por exemplo, foi socialmente construído embasado em preconceito, como se o homem não fosse apto a cuidar de uma criança pequena.

Quadro 12 – Quando indagadas se acham que uma professora que atua na Educação Infantil possui mais competência e habilidade que o professor homem.

P3	Competência sim, mas habilidades não.
P4	Não, acredito que o homem também possui competência.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Constata-se o preconceito contra a prática pedagógica do professor homem na Educação Infantil evidenciado na resposta da P3 ao afirmar que o homem não possui habilidades para atuar na área educacional com crianças pequenas.

Dessa forma, é imprescindível incitar reflexões, buscar fundamentos e direcionamentos que notabilizem a importância do papel da figura masculina na pedagogia de crianças, ou seja, superar essa ideia preconcebida no que se refere à capacidade do homem em lidar com a fase infantil dos sujeitos envolvidos na educação.

Quadro 13 – Quando questionadas se a presença do docente homem na Educação Infantil contribui de forma positiva ou negativa.

P3	De forma positiva.
P4	De forma positiva.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Sem naturalizar as diferenças entre os gêneros masculino e feminino, mas, atentando para o ponto de vista colocado pelas entrevistadas em relação a esse questionamento, pode-se afirmar que houve mudanças históricas que abalizam profundas transformações no papel do professor na Educação Infantil. E, especialmente nesse enfoque, constata-se que a compreensão de gênero foi mobilizada como um elemento que permitiram as entrevistadas refletirem sobre as diferenças sociais.

Quadro 14 – Quando perguntados se eles fazem planejamento e registros das suas atividades desenvolvidas com as crianças.

P1	Sim.
P2	Sim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Os docentes, sujeitos desta pesquisa, afirmaram, indistintamente, que planejam suas atividades educativas. Sobre esse assunto, Corsino (2009, p. 119, grifo do autor) pondera que “O planejamento é o momento de reflexão do professor, que a partir das suas observações e registros, prevê ações, encaminhamentos e sequências de atividades, organiza o tempo e espaço [da criança na Educação Infantil]”.

Nesse contexto, o planejamento sobretudo na Educação Infantil é uma ação que exige do professor reflexão sobre sua atuação educativa de maneira a estabelecer relações dos conteúdos propostos com as reais necessidades das crianças, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento.

Quadro 15 – Ao perguntar às professoras se elas têm preconceito com professor homem atuando na Educação Infantil.

P3	Não, porque ele é um profissional assim como a mulher.
P4	Não, eles contribuem com a formação da criança da mesma forma da mulher.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Ressalta-se, conforme as respostas das professoras, que não existe nenhum indicativo de desaprovação quanto à atuação de docentes no que se refere ao sexo masculino. Entretanto, travam-se em depoimentos anteriores – como na questão do quadro 11 – que a P3 não deposita total confiança quanto ao desempenho pedagógico do professor homem, uma vez que, para ela, eles não têm habilidades pedagógicas para lidar com crianças da Educação Infantil.

Quadro 16 - Principais desafios dos professores no cotidiano escolar e estratégias para superá-los.

P1	A única dificuldade que enfrento é o trabalho com turmas multisseriadas e para superar tal dificuldade utilizo aulas dinâmicas.
P2	Avaliar e atender as necessidades das crianças.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Constata-se que as dificuldades apresentadas pelos entrevistados se referem ao trabalho com turmas de crianças com faixa etária distinta e também a preocupação em corresponder às necessidades das crianças, apontamentos que fazem parte do trabalho docente de forma generalizada.

Segundo Venturini (2017),

> Este profissional deve ser alguém polivalente, capaz de dar conta de todas as ações pertinentes ao atendimento do infante, da articulação dos conteúdos para desenvolvimento de projetos e que também saiba identificar as necessidades básicas dessa faixa etária.

Cabe notabilizar que, diante das mudanças ocorridas na sociedade e, consequentemente, na educação, especialmente no atendimento infantil, o professor necessita ter certas aptidões que envolvam o cuidar e o educar, pois acredita-se que tem potencial de realizar essa função.

Quadro 17 – Respostas sobre se algum pai quis retirar o filho da escola por saber que o profissional de ensino era do gênero masculino.

P1	Não.
P2	Não, mas percebi certo tipo de desconfiança.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Constata-se que a família de certo modo respeita a diferenciação entre homem e mulher na atuação docente, mas ainda existem comportamentos discriminatórios, como observado na fala do P2, ao afirmar que percebeu desconfiança da família em relação ao seu trabalho.

Cabe destacar o que afirma Rabelo (2013, p. 91), “Não é somente o homem, enquanto sexo dominante, que impõe seu pensamento sobre a mulher; os dois sexos partilham/reproduzem determinados valores”. Nesse sentido, os preconceitos de gênero não são atribuídos somente aos homens, mas também às mulheres, pois ambos são encarregados pela transformação social e pela igualdade de direitos.

Quadro 18 – Percepção das professoras sobre a existência de poucos professores homens na Educação Infantil

P3	Acredito que é devido algum tipo de preconceito da sociedade.
P4	Acredito que é por causa do preconceito de algumas pessoas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Em geral, as entrevistadas afirmaram que existe preconceito contra a atuação do educador homem dentro da Educação Infantil, visto que a sociedade lhes impõe regras como se fossem normais, esquecendo-se de que a masculinidade e a feminilidade são constituídas na interação social dentre os gêneros.

Quadro19 – Ao perguntar os professores sobre o que os gestores e professoras acham de sua atuação enquanto professor de Educação Infantil.

P1	Até o momento nunca tive nenhuma reclamação e nem crítica, só elogios.
P2	Só recebo elogios.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Conforme os relatos dos entrevistados, eles mencionaram que nunca sofreram nenhuma reclamação por parte dos colegas de trabalho, foi possível acreditar que existe possibilidade de algumas atitudes preconceituosas serem modificadas especialmente com a sociedade em se tratando do papel de homem professor na modalidade infantil.

Quadro 20 – Ao indagar as professoras se elas colocariam seus filhos na Educação Infantil sabendo que o professor atuante é do gênero masculino.

P3	Com certeza
P4	Sim

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Verifica-se, conforme as respostas dadas, que as professoras não se opõem a seus filhos serem educados por professores homens. Essas afirmações revelam que as participantes da pesquisa apresentam compreensão lúcida quanto ao papel do educador, independente do gênero.

Quadro 21 – Respostas das professoras sobre o que elas pensam do trabalho realizado por professores homens em relação à higiene e à alimentação das crianças.

P3	Normal
P4	Profissionalismo

Fonte Dados da pesquisa, 2017.

Observa-se que as professoras reconhecem o trabalho pedagógico do professor homem de Educação Infantil como um ato profissional o qual é constituído de uma sensibilização da comunidade de que desenvolver ações educativas com crianças pequenas requer uma qualificação profissional.

A partir das análises feitas através das pesquisas, pôde-se observar que as professoras participantes reconhecem a atuação do professor homem como algo normal, demostrando ainda que o importante não seja o gênero, mas o profissionalismo e compromisso de cada um.

Verificou-se que todos os agentes envolvidos na pesquisa já superaram e desmistificaram que o cuidar e o educar crianças pequenas sejam tarefas exclusivas para mulheres. Os entrevistados salientaram ainda que a presença do educador homem na Educação das crianças é bastante positiva e contribui para com a formação integral das crianças.

A seguir analisam-se as informações coletadas junto às famílias no que se refere à atuação do professor homem na Educação Infantil. Vale ressaltar que os familiares serão denominadas pelas letras**:** F1, F2, F3, F4.

6.2.3 Percepção da família em relação à atuação do profissional homem na Educação Infantil

Quadro 22 – Ao serem questionados sobre como se sentem ao deixar seu (sua) filho (a) aos cuidados de um professor homem.

F1	Me sinto seguro
F2	Não
F3	Me sinto segura
F4	Não

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Percebe-se que existe certo preconceito por parte de alguns familiares quanto ao trabalho de professor homem com as crianças de Educação Infantil das escolas pesquisadas. Vale ressaltar que é preciso desnaturalizar a imagem do professor do gênero masculino como um ser incapaz de trabalhar com crianças pequenas.

A sociedade vigente não deve conceber os modelos de condutas discriminatórias impondo regras que impeçam os homens de exercer o magistério na modalidade infantil, estigmatizando apropriada somente ao exercício para mulheres. Essa reprodução de pensamentos discrimina e impede a atuação dos professores em seus ofícios.

Quadro 23 – Sobre o que acham da atuação do educador homem na Educação Infantil.

F1	Acho bom, pois ele desempenha um ótimo papel.
F2	A mulher é mais compromissada.
F3	É bom.
F4	Acho estranho.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Nota-se que conforme os comentários das famílias que participaram da pesquisa, que algumas não estão dando importância à contribuição do professor homem para com a formação integral da criança, mas sim reproduzindo desigualdade com atitudes preconceituosas, esquecendo-se de que o trabalho pedagógico eficiente não condiz com o gênero da pessoa, mas com o preparo e qualificação profissional.

Quadro 24 – Quando indagadas se alguma vez pensaram em tirar seus filhos (as) da instituição em razão da atuação masculina.

F1	Nunca.
F2	Sim.
F3	Nunca.
F4	Sim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Verifica-se certa rejeição por parte de alguns familiares no que se refere à atuação do homem atuando como professor na modalidade infantil, surgindo assim à necessidade de a escola trabalhar com a família de suas crianças questões de gênero e diversidade a fim de harmonizar as relações entre família e escola.

Vale destacar as percepções de Gonçalves (2017) sobre condutas discriminatórias, pois estas se remetem aos papéis sociais relativos à educação dos filhos, uma vez que durante muito tempo ficou sob a responsabilidade da mulher, enquanto ao homem era incumbido outras atribuições. Durante muito tempo era o pai o único responsável em assegurar o sustento familiar, o qual era visto como provedor e praticamente não contribuía com a educação dos seus descendentes.

Quadro 25 – Respostas das famílias em relação ao trabalho da higiene e alimentação realizado por um professor homem.

F1	Eu como conheço o trabalho dele, não tenho medo.
F2	Não me sinto segura.
F3	Eu confio.
F4	Eu acho errado.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Segundo as respostas das famílias F2 e F4, evidencia-se no atual contexto social a realidade sobre visões preconceituosas em relação ao trabalho do docente homem. Considera-se essa concepção um aspecto negativo para a formação e desenvolvimento no que diz respeito à personalidade da criança pequena, uma vez que ela precisa ter contato com a diversidade cultural e ser educada por sujeitos de diferentes gêneros, culturas ou raças a fim de que possa construir uma visão emancipatória e sem discriminações.

> Apesar de a escola, ao longo do tempo, ter se tornado essencialmente feminina, as instituições educativas fazem parte de um contexto que é histórico e social, que atende meninos e meninas e, portanto, as questões relativas a gênero se fazem presentes no processo de ensino e aprendizagem. (GONÇALVES, 2017).

Diante disso, pode-se corroborar que para os pequenos do gênero masculino é mais complexo frequentar o ambiente escolar por ter que permanecer durante muito tempo em um espaço constituído, normalmente por profissionais mulheres. Para essas crianças nem sempre é estimulante estar num contexto onde existe a preponderância de cultura direcionada ao gênero feminino.

Quadro 26 – Sobre a relação da família com o professor homem.

F1	É harmoniosa, sem conflito.
F2	Damo-nos bem.
F3	Somos grandes amigos.
F4	Damo-nos bem.

Fonte Dados da pesquisa, 2017.

Comprova-se que no geral todos os familiares envolvidos na pesquisa apresentam um bom relacionamento com os docentes homens e que, de certa forma, considerando alguns questionamentos e respostas anteriores, o único obstáculo apresentado nas escolas investigadas é a falta do sexo másculo.

No entanto, é relevante para a família bem como para alguns profissionais repensarem suas atitudes e concepções sobre o trabalho docente na modalidade infantil a fim de tornar o espaço escolar mais atrativo e democrático para as crianças. Com base na discussão outrora apresentada, constata-se que o homem enquanto profissional da educação pode contribuir significativamente com a formação integral das crianças.

7 CONCLUSÃO

O presente estudo objetivou investigar os aspectos sociais, relações de gênero com os familiares e colegas de profissão concernentes ao trabalho do profissional do sexo masculino na Educação Infantil. Constatou-se que, embora a sociedade contemporânea (século XXI) esteja pautada em leis que punem atitudes discriminatórias, a divisão em segmentos de gênero para a atuação de qualquer ofício, bem como assegura o reconhecimento de igualdade como direito de todos segundo a Constituição Federal de 1988, ainda existem limitações nos contextos escolares em relação às questões de gênero na ação pedagógica da Educação Infantil.

Evidenciou-se que a presença do professor homem na Educação Infantil está contribuindo para suavizar o preconceito da sociedade com relação ao trabalho com crianças pequenas. Porém, percebe-se que esse é um processo bastante lento e que, assim como os demais tipos de preconceitos existentes na sociedade, ainda será por muito tempo um grande desafio.

A pesquisa revelou que o preconceito ainda se mantém arraigado no meio social. Dessa forma, é pertinente ressaltar que a igualdade entre os sujeitos não acontece em sua plenitude. As leis que existem ainda não são capazes de erradicar a discriminação que perdura na sociedade.

A cultura do cuidar desenvolvida no contexto familiar estimula para a feminização da atuação da mulher na Educação Infantil, ao passo que colabora para que a educação de crianças seja compreendida simplesmente como uma ação assistencialista, atribuindo uma imagem equivocada do papel do professor homem. Essas concepções de que o docente homem não pode substituir as mães é uma visão distorcida no ambiente escolar. Desse modo, faz-se necessário que se entenda o aspecto do “cuidar” distinto da ação de educar, considerando que as duas culturas são indissociáveis.

Comprovou-se que, no contexto dos próprios estabelecimentos de Educação Infantil, docentes do gênero feminino, ainda que de modo sutil, ou camuflados, apresentam atitudes preconceituosas sobre o trabalho masculino. Essa diferença entre gêneros influencia sem dúvidas para essas ideias preconcebidas em relação ao trabalho do professor.

Assim, conceber a mulher excepcionalmente o papel de que somente ela pode desenvolver um trabalho pedagógico com crianças pequenas significa desqualificar a competência do docente homem, uma vez que ele também tem aptidões e habilidades. Essas constatações provocam reflexões acerca das atitudes tanto dos profissionais das instituições pesquisadas como da comunidade em geral.

Cabe a todos os segmentos escolares repensarem sobre essa problemática, elucidando e, de certa forma, conscientizando os familiares quanto ao trabalho docente exercido por pessoas do gênero masculino e feminino. É imprescindível tratar a função de educador na modalidade infantil como um ofício que pode ser exercido igualmente por pessoas que tenham competências, compromisso e qualificação, independentemente do gênero, raça ou etnia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ordália Alves de. **A educação infantil na história:** a história na educação infantil. 14º. Congresso Brasileiro de Educação Infantil. Mato Grosso do Sul: OMEP/BR/MS. 10 a 13/07/2002.

ARAÚJO, Lucélia Costa. **O essencial é invisível aos olhos:** significações que medeiam a constituição da identidade do professor homem. 2015 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí, 2015. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERTACAO%20LUCELIA%20COSTA%20ARAUJO%202015.pdf>. Acesso em: 25 out 2017.

ARAÚJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação.** Paranaíba, v.3, n.7, p.5-20, 2012.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; ORIANI, Valéria Pall. Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. **Educação Unisinos**, v. 17, n. 2, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2013.172.07/2016>. Acesso em: 25 out. 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do "sexo" In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110- 127.

CARDOSO, F. A. **Homens fora de lugar**? A identidade de professores homens na docência com crianças. Dissertação de Mestrado em Educação, Belo Horizonte: UFMG, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. Gênero na análise sociológica do trabalho docente: um palco de imagens. In: PEIXOTO, Ana Maria Casassanta; Passos Mauro**. A escola e seus atores:** educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, p. 89-114, 2001.

CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2009.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada,** Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008. Disponível em: <https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/9.1b%20metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf>. Acesso em 25 de out. 2017.

DIDONET, Vital. **Creche**: a que veio, para onde vai. In: Educação Infantil: a creche, um bom começo. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. Gênero e docência na educação infantil: reflexões acerca das relações entre a prática do cuidado e a atuação masculina em uma profissão culturalmente feminina. **Revista Eletrônica "Diálogos Acadêmicos**" v. 09, nº 2, p. 99-109, jul-dez, 2015. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627113248.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2012.

GONÇAVES, P. J. CAPRISTO, Z. R. FERREIRA, V. C. M. Professores homens na educação infantil: aceitação e receio dos familiares que vivenciam essa experiência. **Pesquisa em Foco**, São Luís, vol. 20, n. 2, p. 136-154. 2015. ISSN: 2176-0136. Disponível em: <file:///C:/Users/MI%20PC/Downloads/1017-2815-1-PB%20(3).pdf>. Acesso em 25 out. 2017.

JENSEN, J. J. Homens em serviços de cuidados de crianças – um artigo para discussão in: **Seminário Internacional Homens no cuidado de crianças**: visando uma cultura de responsabilidade, divisão e reciprocidade entre os gêneros no cuidado de crianças, Ravenna, Itália – 21-22 de maio de 1993 (Traduzido por Deborah Thomé Sayão).

JUNQUEIRA, R. D. Diversidade Sexual: o reconhecimento da diversidade sexual por uma melhor educação para todos. **Salto para o Futuro**, v. 15, p. 64-73, 2007b.

_____. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Gosta(Org.) **Corpo, gênero e sexualidade:** discutindo práticas educativas, ed. 3. Anais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007a.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil:** uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; BERNARDIM, Geovana de Paula. O profissional do gênero masculino na educação infantil: com a palavra pais e professores. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 9, n. 15, p. 80-97, 2015. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/2819>. Acesso em 25 out. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo horizonte. Autêntica 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria**. Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Creches**: crianças, faz de conta & cia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

_____. **O trabalho do professor na educação infantil.** São Paulo: Biruta, 2012.

ORIANI, Valéria Pall. **Direitos humanos na educação infantil: primeiros passos para a cidadania**. Marília, 2008. 105f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 2008.

RABELO, A. O. **A figura masculina na docência do ensino primário:** Um “corpo estranho” no quotidiano das escolas públicas “primárias” do Rio de Janeiro – Brasil e Aveiro-Portugal. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Departamento de Ciências da Educação. Portugal: Universidade de Aveiro, 2008.

_____. **Professores discriminados:** um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 955-967, out-dez., 2013.

RIZZO, Gilda. **Creche**: organização, currículo, montagem e funcionamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SARMENTO, T. **Correr o risco:** ser homem numa profissão. In: Naturalmente” Feminina” in: Actas do V Congresso Português de Sociologia. Disponível em: <http://www. aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d6492bf35_1. pdf>. Acesso em: 25 outubro. 2017.

SAYÃO, D. T. **Relações de gênero na creche:** os homens no cuidado e educação das crianças pequenas. G.T. Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07, 25ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG, 2002.

SOUSA, José Edilmar de. **Homem docência com crianças pequenas**: o olhar das crianças de um centro de educação infantil 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt07-4232.pdf>. Acesso em 25 de out. de 2017.

SOUZA, Mara Ísis de. **Homem como professor de creche:** sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. Ribeirão Preto – SP: Dissertação de mestrado, USP, 2010.

VENTURINI, Angela Maria. A feminização na educação infantil: uma questão de gênero. **Revista Científica Digital da FAETEC: EDU.TEC,** 8ª edição, Ano V, V. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/A%20FEMINIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>. Acesso em 25 de out. de 2017.

VIANA, Cláudia. **Gênero na docência.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE “A” - Questionário aplicado ao Gestor (A)

Acadêmicos do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena, da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP. Apresentamos nosso questionário para a fundamentação do nosso trabalho de estágio. Apresentado na disciplina Estágio curricular dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sua contribuição é muito importante para que possamos aprofundar nossos conhecimentos com relação ao trabalho de Docência. Obrigado por dedicar parte do seu tempo para responder este questionário.

01-Como se tornou Gestor, qual sua formação, fale um pouco do seu percurso profissional?

02-Por que nas creches e pré-escolas existem poucos professores do sexo masculino?

03-O que as professoras acham da atuação do professor homem na creche/pré-escola?

04-Você tem algum preconceito com o professor homem atuante na creche/pré-escola, por quê?
SIM ( ) NÃO ( )

05-Por que na creche/pré-escola onde você atua, tem poucos professores do sexo masculino?

06-Você já recebeu alguma reclamação de pais ou responsáveis do professor, qual motivo?
SIM ( ) NÃO ( )

07-Como você se comporta ao ver o professor homem sofrendo preconceito?

08-O que você acha do professor homem atuando em sala de aula?

09-Na sua concepção você acha que uma professora tem mais competências e habilidades do que o professor homem, por quê?
SIM ( ) NÃO ( )

10-O que você acha da presença masculina na vida dessas crianças, isso contribui de forma positiva ou negativa, por quê?

APÊNDICE “B” - Questionário aplicado ao professor

Acadêmicos do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena, da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP. Apresentamos nosso questionário para a fundamentação do nosso trabalho de estágio. Apresentado na disciplina Estágio curricular dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sua contribuição é muito importante para que possamos aprofundar nossos conhecimentos com relação ao trabalho de Docência. Obrigado por dedicar parte do seu tempo para responder este questionário.

01- Como você se tornou professor, qual sua formação, fale um pouco do seu percurso profissional?

02- Quanto tempo você trabalha na creche/pré-escola, qual sua história nesta instituição, você foi bem recebido pelos outros profissionais, pais e responsáveis, houve preconceito?

03-Deescreva um pouco a rotina de seu trabalho em sala de aula, e como você desenvolve as atividades de ensino?

04-Você faz algum planejamento, e registro escrito das suas aulas, atividades e brincadeiras propostas as crianças?

05-Qual os maiores desafios e dificuldades que você enfrenta no seu dia a dia de trabalho, e quais estratégias usa para supera-los?

06-Os pais ou responsáveis já pensaram em retirar seus filhos da creche/pré-escola sabendo que você era um profissional do sexo masculino atuante na sala de aula?

07-Em algum momento houve intervenção dos pais ou responsáveis, em relação aos cuidados dos filhos como o banho e a alimentação?

08-Qual o maior preconceito já sofrido durante na sua carreira docente, e por qual motivo?

09- Como é a sua relação com alunos?

10- O amor a profissão e aos alunos, é capaz de superar preconceitos?

11- Por que nas creches e pré-escolas existem poucos professores do sexo masculino?

12-Você acha que um profissional homossexual sofre mais preconceito, por que?
SIM ( ) NÃO ( )

13-Quando um profissional é homossexual, os pais ou responsáveis, temem por alguma influência nos filhos?

14-O que as Professoras e o Gestor (a) acham de sua atuação como professor na creche/pré-escola?

APÊNDICE “C” - Questionário aplicado à família

Acadêmicos do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena, da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP. Apresentamos nosso questionário para a fundamentação do nosso trabalho de estágio. Apresentado na disciplina Estágio curricular dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sua contribuição é muito importante para que possamos aprofundar nossos conhecimentos com relação ao trabalho de Docência. Obrigado por dedicar parte do seu tempo para responder este questionário.

01-Você se sente seguro, ao deixar seu filho (a) aos cuidados de um professor do sexo masculino, por quê?

02-Na sua concepção o que acha da atuação do professor homem na sala de aula?

03-Você já pensou em tirar seu filho da creche/pré-escola por não haver um profissional do sexo feminino na sala de aula?

04-Você acha que o professor sexo masculino tem um bom desempenho na educação do seu filho, por que?
SIM ( ) NÃO ( )

05-Em relação a higiene e a alimentação, o que você acha desse trabalho realizado por um professor do sexo masculino?

06-Quando o profissional é homossexual, você receia por alguma influência, por que?
SIM ( ) NÃO ( )

07-Como é a sua relação com o professor?

08-O que você leva em conta, ao escolher a escola do seu filho?

APÊNDICE “D” - Questionário aplicado às professoras

Acadêmicos do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena, da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP. Apresentamos nosso questionário para a fundamentação do nosso trabalho de estágio. Apresentado na disciplina Estágio curricular dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sua contribuição é muito importante para que possamos aprofundar nossos conhecimentos com relação ao trabalho de Docência. Obrigado por dedicar parte do seu tempo para responder este questionário.

01-Como se tornou Professora, qual sua formação, fale um pouco do seu percurso profissional?

02-Na sua concepção você acha que uma professora tem mais competências e habilidades do que o professor homem, por quê?
SIM ( ) NÃO ( )

03-O que você acha da presença masculina na vida dessas crianças, isso contribui de forma positiva ou negativa, por quê?

04-Você tem algum preconceito com o professor homem atuando em sala de aula, porque?
SIM ( ) NÃO ( )

05-Por que na creche/pré-escola onde você atua, tem poucos professores do sexo masculino?

06- E você colocaria seu filho na Creche/Pré-escola sabendo que o professor atuante na sala de aula é do sexo masculino, por quê?
SIM ( ) NÃO ( )

07-Em relação a higiene e a alimentação, o que você acha desse trabalho realizado por um professor do sexo masculino?

08-Por que nas creches e pré-escolas existem poucos professores do sexo masculino?

09- O professor da Creche/Pré-escola onde você trabalha desenvolve um bom trabalho com os alunos, por quê?
SIM ( ) NÃO ( )